

Portugal



EXPOSIÇÃO
Comemorativa

75.º Aniversário

INSTITUTO
GEOGRÁFICO
DO EXÉRCITO

EM VÉSPERAS DAS
INVASÕES FRANCESAS

Conhecimento Geográfico e Configurações



75 ANOS
A SERVIR PORTUGAL
1932 - 2007

P O R T U G A L
em vésperas das invasões francesas

CONHECIMENTO GEOGRÁFICO
&
CONFIGURAÇÕES

P O R T U G A L

em vésperas das invasões francesas
CONHECIMENTO GEOGRÁFICO & CONFIGURAÇÕES

EXPOSIÇÃO

Realização e Organização

Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa
Direcção de Infra-Estruturas do Exército
Instituto Geográfico do Exército



Coordenação Científica
Maria Helena Dias

Comissariado Científico da Exposição

Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa
Direcção de Infra-Estruturas do Exército
Instituto Geográfico do Exército

Seleccção e Descrição dos Documentos

Maria Helena Dias (CEG)

Tratamento Documental

Sandra Fernandes (CEG)

CATÁLOGO

Edição
Instituto Geográfico do Exército

Concepção e Design
Good Dog Design – Comunicação e Publicidade

Impressão
Grafivedras

ISBN
978-989-21-0086-9

Depósito Legal
????????????????????

No último dia de Novembro de 1807, quando Junot entrou em Lisboa acompanhado da vanguarda do exército francês, acabava de se fazer ao mar a frota que levaria a Família Real para o seu longo exílio no Brasil. Começava então um período difícil para os portugueses, que nesta altura não ultrapassariam os 2 800 000, ou seja, quase um quarto da população actual.

Com a Família Real embarcara também grande parte do nosso mais valioso espólio cartográfico, que garantia o conhecimento necessário para a defesa do país. Tentava-se pô-lo a salvo dos olhares inimigos, bem como dos saques, que se vieram infelizmente a concretizar. Mas os franceses encontraram aqui disponíveis, mesmo assim, muitas informações de que se serviram e que faziam também chegar a Paris. Em Portugal trabalhavam desde há muito inúmeros engenheiros estrangeiros, entre eles franceses, como era o caso do marquês de Rozière, que teve funções importantes na direcção do Estado-Maior do Exército do Minho e Trás-os-Montes (1801) e na Inspecção-Geral das Fronteiras e Costas Marítimas do Reino (1802-1804), ou ainda o de August du Fay, mercenário que fazia parte do corpo do seu comando e que dirigira os trabalhos desta Inspecção na região entre os rios Douro e Tejo. Estes foram alguns dos que passaram para as mãos dos engenheiros franceses os reconhecimentos e levantamentos cartográficos que dirigiram, efectuaram ou tinham na sua posse. Desse manancial de informação, já existente ou preparada durante os anos da ocupação francesa e do domínio inglês, uma parte, provavelmente pequena, encontra-se hoje em arquivos estrangeiros, nomeadamente em França. Da maioria, dificilmente teremos algum dia uma ideia, mesmo que aproximada. A taxa de mortalidade da nossa documentação foi também muito elevada nessa época.

Na altura da saída da Família Real, os oficiais do Real Arquivo Militar, que havia sido criado cinco anos antes, foram intimados a entregar todas as memórias manuscritas e cartas aí existentes, por ordem do Ministro e Secretário da Guerra. Ficariam apenas os livros impressos e alguns documentos sem préstimo. Mas, no gabinete do referido Ministro, o Arquivo acabou por recuperar, entre os despojos, algumas cartas e memórias; en-

tretanto, mandaram-se aqui copiar documentos que estavam nas mãos de particulares, na tentativa de assim recompor a informação necessária. E, em Setembro de 1808, logo após o embarque de Junot e do exército francês, dava-se já conta da existência de uma vintena de memórias e de oito dezenas de mapas ou plantas, para além dos livros impressos e de cartas de países estrangeiros ou, ainda, de instrumentos¹.

Mas Vincent, comandante do corpo de engenheiros do exército francês, tinha exigido que os oficiais do Arquivo Militar lhe fornecessem um inventário dos documentos existentes, bem como um relatório da situação do corpo português homólogo. E do pouco que aí começava a existir retirava ainda algumas cartas. Entre esses documentos contavam-se as sondagens da barra de Lisboa e a carta das suas margens, ambas da autoria de Francisco António Ciera, ou ainda plantas do forte de Lippe ou da praça de



Partida para o Brasil do Príncipe Regente de Portugal a 27 de Novembro de 1807, no cais de Belém com a Família Real, segundo uma gravura de ca. 1815 (Biblioteca Nacional de Portugal, <http://purl.pt/6897/1/>).

¹ Informações fornecidas pelo coronel Eusébio Dias Azedo numa carta dirigida a D. Miguel Pereira Forjaz Coutinho, datada de 22 de Setembro de 1808, acompanhada do registo do material existente no Arquivo Militar, à data (Arquivo Histórico Militar, 3ª Divisão, 30ª Secção, Caixa 2, nº 65).

Peniche (chegando mesmo a enviar uma delas para Paris, na altura) e um mapa de Luís Gomes de Carvalho, com as obras da abertura da barra de Aveiro. Por seu lado, ao comandante do corpo de engenheiros do exército britânico seriam também fornecidas algumas cartas para serem copiadas, tanto por oficiais ingleses, no seu quartel, como por oficiais portugueses.

Quanto ao espólio embarcado para o Brasil, apenas uma pequeníssima parte retornou a Portugal, muito tempo depois. Bem ilustrativo foi o que aconteceu à chapa de gravura que servira para a impressão de alguns poucos exemplares da carta geral das triangulações de Ciera, que se encontrava à guarda do Arquivo Militar. Esta carta havia sido uma das poucas gravadas (1803) no Depósito da Sociedade Real Marítima por Luís André Dupuis, tendo chegado a ser traduzida pelos ingleses e editada em Londres (1805), à revelia do governo português. Ora, essa chapa foi enviada, provavelmente depois de Setembro de 1808, para o Rio de Janeiro, por ordem da Secretaria de Estado daquela Corte, e viria a ser encontrada em Portugal, em 1826, na posse do bibliotecário do Convento do Espírito Santo, Frei Joaquim Dâmaso, que a adquirira na venda pública dos bens do conde de Galveias. Marino Miguel Franzini, durante muitos anos responsável pelos trabalhos do Arquivo Militar, intercedeu então junto do governo para que ela retornasse ao local de onde partira, o que parece ter acontecido. Mas que destino terá tido depois?

Não é fácil, portanto, tentar hoje reconstituir o que seria o conhecimento geográfico que Portugal detinha do seu território (bem como das suas várias colónias espalhadas pelo Mundo) nas vésperas da 1.^a Invasão Francesa, pois isso pressupunha uma ideia clara da informação que foi sujeita a todas estas vicissitudes. A nossa leitura indirecta e muito provisória desse conhecimento teve de ser feita a partir do pouco que actualmente se sabe. Apesar disso, as cartas aqui mostradas – tanto feitas por portugueses como por estrangeiros ao serviço de Portugal ou com interesses no nosso país – dão-nos alguns testemunhos para a História da Cartografia, numa época de profundas transformações.

Ao percorrermos as peças desta exposição somos conduzidos a viajar por todo o território continental, detendo-nos

embora nalguns aspectos particulares – as regiões portuguesas, e em especial a de Lisboa, a fronteira terrestre ou a sua extensa costa –, fulcrais para a defesa militar desta época. Mas nesta viagem somos também levados a compreender este importante momento de viragem da Cartografia nacional e europeia: ao lado de figurações modernas e mais rigorosas coexistem outras que, se fossem mudas, poderíamos bem dizer terem sido delineadas um ou mais séculos antes. Provavelmente serão estas últimas que mais chamarão a atenção dos visitantes, pela sua singularidade e pela beleza das ornamentações.

A defesa de Portugal era, nesta época, e para muitos, sobretudo a defesa da sua capital. Com uma posição central no território, mas ao mesmo tempo excêntrica, a tomada de Lisboa garantiria, nessa perspectiva, também o domínio do vasto império português. Segundo defendia o marquês de Alorna (1810), a influência de Lisboa sobre o país era talvez maior do que a de outras capitais: com cerca de 230 000 habitantes, ou seja, mais de 8 % da população continental portuguesa, esta cidade tornara-se “demasiado grande” pela continuidade das suas relações com os vastos e ricos espaços ultramarinos. Sem querermos discutir aqui as diferentes concepções sobre a defesa do território nesta época, todos concordaremos ter sido fulcral o conhecimento geográfico e a representação cartográfica do país para o desenrolar dos acontecimentos.

MARIA HELENA DIAS

I

Imagens Gerais do Território & Perspectivas Regionais

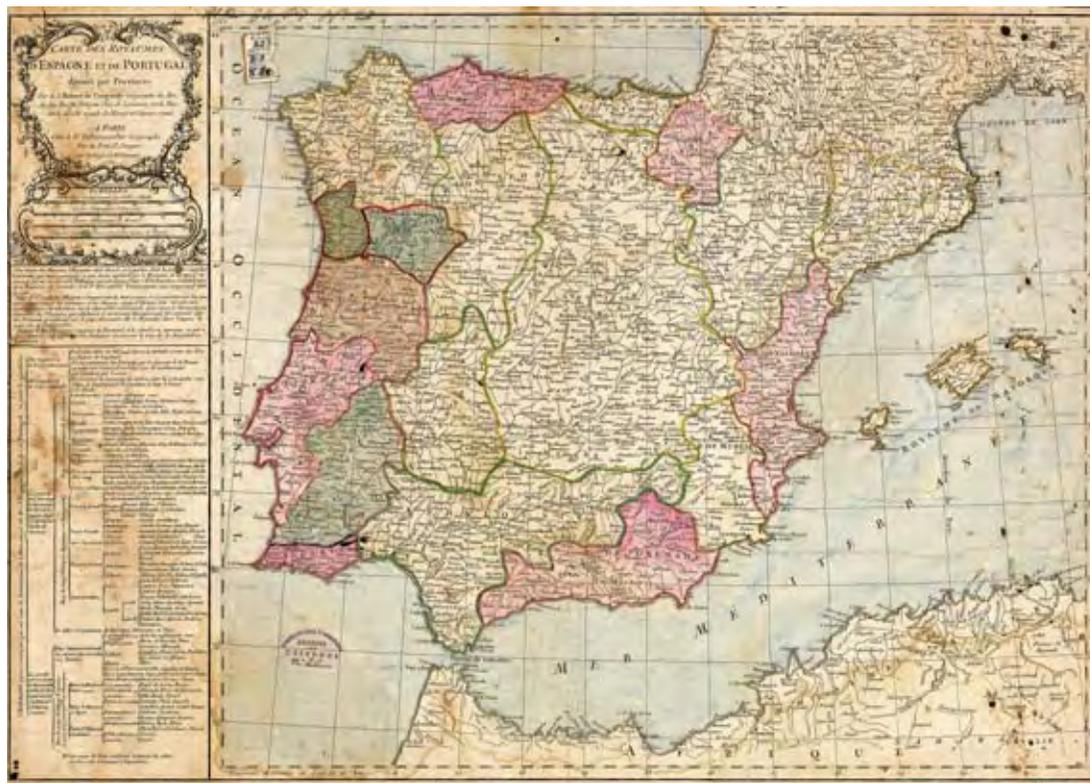
Portugal

EM VÉSPERAS DAS INVASÕES FRANCESAS **Conhecimento Geográfico & Configurações**

1

Os dois países ibéricos conheceriam nos primeiros anos do século XIX graves perturbações políticas e sociais, decorrentes daquela que ficou conhecida como a Guerra Peninsular (1807-1814). Ora aliados, ora rivais, Portugal e Espanha têm um passado em muitos aspectos comum.

Esta imagem da Península Ibérica é o testemunho da Cartografia comercial da época. Ela é devida a Robert de Vaugondy, filho de um outro cartógrafo com o mesmo apelido mas que geralmente assinava os seus trabalhos apenas por Robert, ambos produtores e editores de mapas e atlas. O Atlas Universal (Paris, 1757), realizado em conjunto por pai e filho, é uma obra exemplar da Cartografia setecentista francesa, integrando fontes antigas com observações modernas, provenientes dos novos levantamentos que tinham lugar nesta época.



ROBERT DE VAUGONDY, Didier, 1723-1786

Carte des royaumes d'Espagne et de Portugal : divisés par provinces / par le S.
Robert de Vaugondy

Escala [ca. 1:2 000 000], 120 mille pas géométriques ou milles d'Italie
[60 ao grau] = [9,8 cm]

A Paris : chez le S.r Delamarche, 1780

1 mapa : color. ; 51 x 71 cm

4503-3-41-56 (DIE)



Publicado em Londres, este mapa de Thomas Jefferys era, para além de muito conhecido à época, também muito utilizado em Portugal, onde esta versão parece ter sido impressa. Tendo Jefferys falecido em 1771, o seu filho, com o mesmo nome, associava-se pouco depois a William Faden, que, mesmo após a dissolução da sociedade (1773-1776), continuava a editar os velhos mapas do pai. A 1.ª edição publicara-se em 1762, durante a Guerra dos Sete Anos, altura em que o negócio de Jefferys ganharia um enorme impulso.

Com uma belíssima cartela lembrando a expulsão dos Jesuítas, esta imagem testemunha a importância e o sucesso de um dos gravadores e editores de mapas ingleses mais importantes do século XVIII. Tendo por base este mapa, outros foram certamente construídos em Portugal.

JEFFERYS, Thomas, 1710?-1771

Mappa ou carta geographica dos reinos de Portugal e Algarve / por T. Jefferys, geographo de Sua Magestade Britannica

Second edition

Escala [ca. 1:440 000], 10 legoas commuas de Portugal e d'Esanha, 19. à hum grao = [13,4 cm]

Londres : published by W.m Faden, 1790 ([Lisboa] : Miguel Rodrigues)

1 mapa : color. ; 170 x 93 cm

4067/I-2A-29-41 (DIE)



3

Este documento manuscrito da autoria do oficial Lourenço Homem, como é vulgarmente conhecido, foi publicado a preto e branco em 1808. Como muitos outros redigidos neste período pelos portugueses, ele baseia-se no mapa do espanhol Tomás López, amplamente vulgarizado mas com inúmeras imprecisões, como aliás os engenheiros de então se queixavam. Sobre esse fundo, o autor delineou a sua carta itinerária, marcando ao lado das estradas mais importantes o tempo de percurso em léguas e em horas de marcha a pé.

Sobre a versão impressa, diria o então coronel Eusébio Dias Azedo, na altura empregado no Arquivo Militar e que mais tarde seria comandante do Real Corpo de Engenheiros, a D. Miguel Pereira Forjaz Coutinho, em carta datada de 22 de Setembro de 1808, que este era o mapa "que o coronel engenheiro Vincent [engenheiro francês que, em 1807, acompanhou Junot a Portugal] fez gravar de uma cópia da de Lopes na qual o redactor adoptou à vontade os itinerários que pôde haver à mão sem critério algum geográfico que afiance a sua exactidão, já duvidosa pelos erros conhecidos do original".



EÇA, Lourenço Homem da Cunha de, 1767?-1833

[Carta militar das principais estradas de Portugal / Lourenço Homem da Cunha de Eça]

Escala [ca. 1:470 000]

[1801-1808]

1 mapa : ms., color. ; 75 x 137 cm

4083/III-2A-29-41 (DIE)



Os objectivos deste mapa do engenheiro Vilas Boas, que trabalhou na região do Minho e que era sobrinho do astrónomo de nome semelhante com o qual tem sido às vezes confundido, não eram exclusivamente militares, como se pode constatar pelo seu conteúdo. Conhecem-se hoje várias cópias mais ou menos semelhantes, algumas delas reduzidas. O original foi levantado a partir de 1794, no contexto da lei da reforma das comarcas (1790), cujos limites aparecem aqui claramente demarcados, mas ainda estaria a ser concluído dois anos depois. Um quadro estatístico anexo retrata a situação desta província no ano em que começaram os trabalhos. A data do documento foi atribuída com base na promoção do autor ao posto, aí referido, de major (Março de 1805).

Até aos finais do século XIX, altura em que são publicadas as folhas da carta 1:100 000 que haviam começado sob a direcção de Filipe Folque, nenhum outro mapa o viria a substituir, em qualidade e rigor.

VILAS BOAS, Custódio José Gomes de, 1771-1809

Mappa da provincia d'Entre Douro e Minho : levantado em 1794, e 1795 de par com as indagações economico-politicas : tudo para servir à regulação das comarcas da mesma provincia, e outros objectos de utilidade publica / por Custodio Jozé Gomes de Villasboas

Escala [ca. 1:97 000], 2 legoas portuguezas de 18 ao gráo = [12,7 cm]

[post 1805]

1 mapa : ms., color. ; 131 x 98 cm

1891-2-20-29 (DIE)



5

De autor desconhecido, este mapa poderia ter sido eventualmente levantado por José Joaquim de Freitas Coelho (fl. 1797-1806), que foi demarcante da província de Trás-os-Montes mas do qual pouco se sabe. Escritas por ele, subsistem duas memórias sobre a defesa desta região (1801), que foram levadas para França, mas a que hoje já faltam os mapas correspondentes. Também Luís Gomes de Carvalho foi aqui chamado a efectuar levantamentos cartográficos em 1797 e 1800-1801. Na memória que acompanha a carta topográfica da fronteira entre o rio Douro e o Sabor (1797), Gomes de Carvalho relatava as dificuldades experimentadas durante os levantamentos, por não dispor de instrumentos adequados (tendo chegado a medir as bases para o esqueleto que suportaria a carta com a ajuda de um simples cordel...), e os erros das cartas que ele e a sua equipa levavam e que impediam que para elas se tentassem transferir os objectos, dado que as distâncias respectivas eram “ora duplas, ora metades, etc.”. Na realidade, a representação rigorosa de Trás-os-Montes, como também a do Algarve, parece ter sido mais tardiamente conseguida.

Uma carta semelhante, embora reduzida, contendo a indicação de ter sido extraída para uso do Quartel do tenente-general Bernardim Freire de Andrade e Castro, comandante do Exército do Norte, levamos também a datar o documento aqui observado dos finais do século XVIII.



CARTA GEOGRÁFICA DA PROVÍNCIA DE TRÁS-OS-MONTES

Carta geographica da provincia de Tras-os-Montes

Escala [ca. 1:396 000], 4 leguas [19 ao grau] = [5,9 cm]

[179-?]

1 mapa : ms., color. ; 98 x 125 cm

3587-3-33-45 (DIE)



LÓPEZ, Tomás, 1730-1802

Mapa de la provincia de Beira / construido segun las mas modernas memorias por Thomàs Lopez, pensionista de S. M.

Escala [ca. 1:635 000], 6 leguas de 17 ½ al grado = [6,0 cm]

Madrid : [Tomás López], 1762

1 mapa : p&b, traçados color. ; 37 x 31 cm

3927-2-20-29 (DIE)

Tendo estagiado em Paris nos anos 50 do século XVIII, o espanhol Tomás López acabaria por se estabelecer depois como cartógrafo, em Madrid, e seguir as pisadas dos mestres que o haviam ensinado. Apesar da vasta obra que executou, ele foi sobretudo um compilador de informação ou “geógrafo de gabinete”, não um homem de campo. Os seus numerosos mapas são pouco precisos mas muito comercializados.

Tomás López havia idealizado um atlas de Portugal, publicando seis mapas regionais, entre os quais este da Beira, e um mapa de conjunto, pois em nota, neste último, deixou referido: “Este mapa general, con las seis provincias separadas, donde por menor se expresan los pueblos de Portugal forman el atlas completo de este reyno”. Todos eles foram certamente impresos para satisfazer um público interessado em acompanhar a campanha militar de 1762 na Península, quando as forças anglo-lusas, comandadas pelo conde de Lippe, se bateram, já no final da Guerra dos Sete Anos (1756-1763), contra os espanhóis, aliados aos franceses.



7

Adornado com bonitas cartelas, que entre outros motivos retratam os instrumentos utilizados pelos engenheiros da época nos seus levantamentos, e com um desenho exuberante, tão característico dos mapas dos irmãos franceses Alincourt, esta representação militar destaca as movimentações ocorridas nesta região no quadro da Guerra dos Sete Anos. Para além dos aspectos militares, ele é a expressão do conhecimento geográfico da Beira Interior, à época. Daí que a área da Serra da Estrela, menos conhecida e de tão difícil representação, esteja vazia.

Do autor desta carta, conhecem-se também levantamentos em colaboração com o seu irmão Francisco. Mas trabalharam em Portugal outros militares com o mesmo nome, nem sempre sendo fácil destrinchá-los. Um, provavelmente seu filho, trabalhou na Ria de Aveiro (1758-1760), como ajudante engenheiro. O terceiro Luís de Alincourt, talvez filho do anterior, nasceu já em Portugal (1767-post 1836). Mas há ainda um outro que viveu no Brasil, nascido 20 anos depois deste, e que morreu na província do Espírito Santo (1839).



ALINCOURT, Luís de, fl. 1762-1766

Carte militaire de la province de Beira : divisée en haute et basse / levée par ordre de S. A. Monseigneur le comte regnant de Schaumbourg Lippe, marechal g.al des armées de S. M. T. F. par Louis de Alincourt ; copier von der [?]

Escala [ca. 1:200 000]

[1762-1764]

1 mapa : ms., color. ; 86 x 80 cm

1864-2-20-29 (DIE)



Entre as regiões históricas portuguesas, a Estremadura é talvez a de mais difícil definição e a menos consensual em termos da sua delimitação, ora estendendo-se para Sul ao longo da costa alentejana, ora para Norte, ou ainda restringindo-se apenas às penínsulas de Lisboa e Setúbal.

Embora tardio, este mapa é o resultado de compilações efectuadas no Arquivo Militar, a partir de levantamentos parciais aí existentes feitos em datas e condições diferentes, muito provavelmente sob a orientação de Marino Miguel Franzini. Por isso, retrata bem as lacunas do conhecimento à época, pelos espaços vazios que deixa em certas áreas. Sabe-se que as compilações projectadas por Franzini, que durante muitos anos dirigiu os trabalhos do Arquivo Militar, com vista à obtenção de cartas gerais e por regiões, se iniciaram muito cedo, já na primeira década de Oitocentos. Elas acabariam, mais tarde, por motivar uma forte polémica com Filipe Folque, quando Franzini, ao apoiar os levantamentos de Charles Bonnet no sul do país nos anos 40, lhe cedeu um esboço da sua carta geográfica de Portugal para que fosse corrigida e acrescentada no terreno.

PORTUGAL. Arquivo Militar, 1802-1868

Carta topografica da provincia da Extremadura : comprehendida entre o Oceano e os rios Tejo, Mondego e Zezere : redigida sobre as melhores cartas particulares existentes no R.I Arch.º Mil.ar, ajustadas á triangulação dos pontos geodesicos da carta geral do reino / R.I Arch.º Mil.ar

Escala [ca. 1:250 000]

1829

1 mapa : ms., color. ; 92 x 56 cm

1896-2-20-29 (DIE)



9

Este mapa, tal como o da Beira do mesmo autor e data ou os referentes às restantes regiões portuguesas, nada acrescenta de relevante, do ponto de vista dos conhecimentos geográficos, a outros muito anteriores, nacionais ou estrangeiros: alguns lugares reportados com as suas designações, vários cursos de água e uma informação muito pobre sobre o relevo, figurado por pequenos montes em perspectiva ficticiamente disseminados, constituem os aspectos mais importantes. Mas estes eram os mapas que a generalidade do público tinha à sua disposição e podia adquirir; reservadas ao segredo militar estavam as novas imagens que se iam entretanto levantando e construindo, segundo técnicas mais apuradas.

LÓPEZ, Tomás, 1730-1802

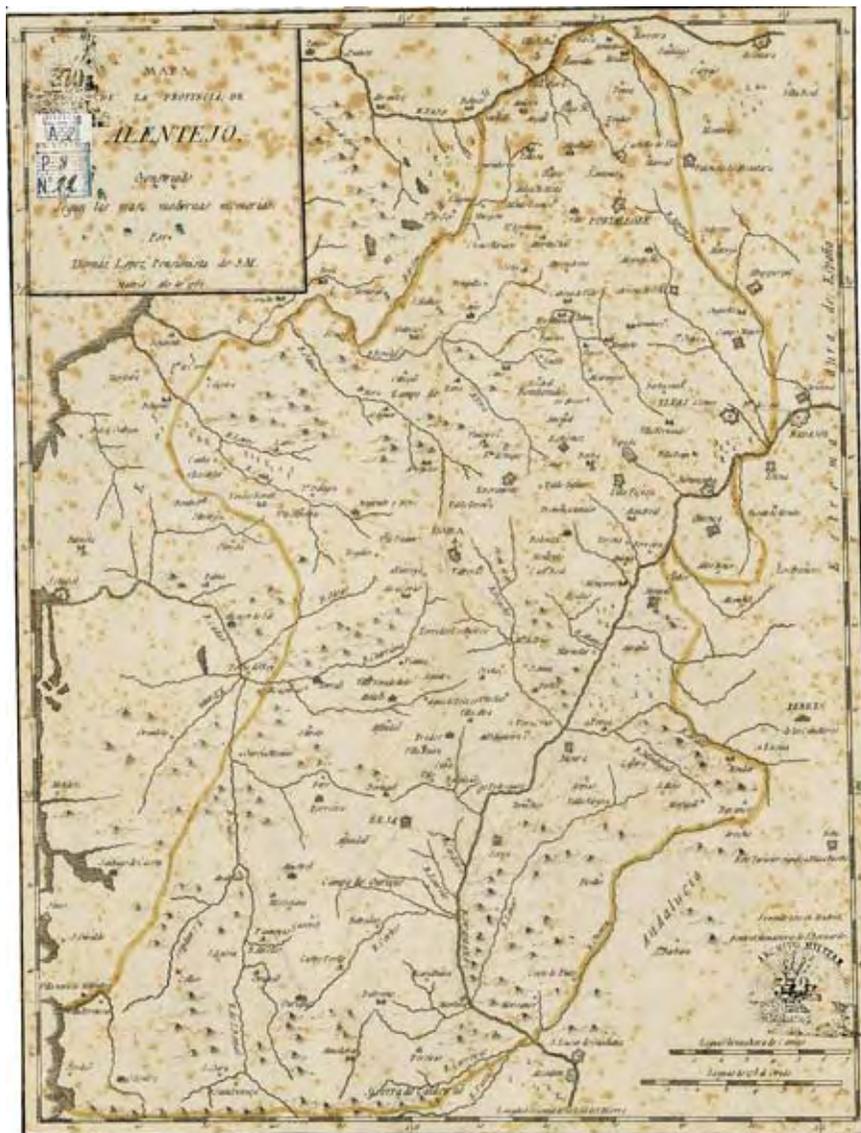
Mapa de la provincia de Alentejo /
construido segun las mas modernas
memorias por Thomàs Lopez,
pensionista de S. M.

Escala [ca. 1:635 000], 7 leguas de 17
½ al grado = [7,0 cm]

Madrid : [Tomás López], 1762

1 mapa : p&b, traçados color. ; 39 x 29 cm

4184-1-4-7 (DIE)



10

**MAPA DO REINO DO ALGARVE**

Mapa do reino do Algarve / por J. M. R.

Escala [ca. 1:240 000], 5 legoas [19 ao grau] = [12,2 cm]

1837

1 mapa : ms., color. ; 48 x 68 cm

530-1-3-5 (DIE)

Este documento prova como ainda nos anos 30 do século XIX se continuavam a esboçar mapas arcaicos, embora hoje nos pareçam, pela sua originalidade e colorido, muito atractivos. Apesar das iniciais do nome do seu autor não permitirem decifrá-lo, pode ter sido preparado a partir de algum mapa anterior, pois até as longitudes parecem ser ainda referidas à ilha de Ferro. Mesmo as imagens de conjunto do Algarve devidas ao engenheiro Sande Vasconcelos, que trabalhou nesta região a partir de 1770, não parecem ser substancialmente melhores ou mais exactas. Só em 1825, quando Manuel de Sousa Ramos comandava o Real Corpo de Engenheiros, se ordenaria que os oficiais deste Corpo levantassem um mapa geral do Algarve, mais exacto.



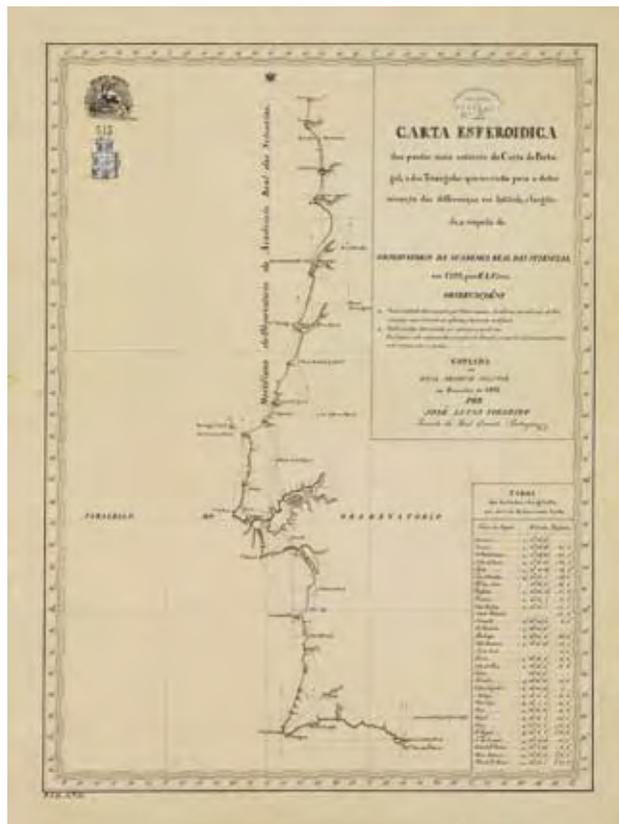
II

A Costa e a Fronteira:
Conhecimento & Defesa

11



Em 1790 o governo português entregava a Ciera a responsabilidade de executar a triangulação geral de Portugal, com vista à elaboração da carta geral do reino, na sequência de idêntico movimento surgido inicialmente em França e estendido depois a outros países europeus. Às suas ordens trabalharam, desde o início, os oficiais do Real Corpo de Engenheiros Carlos Frederico Bernardo de Caula e Pedro Folque, a quem depois se juntariam outros. Entretanto, foi determinada a posição exacta de alguns pontos notáveis da costa portuguesa, trabalho em que participaria também Caula, e, em 1799, Ciera apresentava na Sociedade Real Marítima uma exposição das suas observações e dos resultados alcançados, memória que foi levada para o Brasil aquando das Invasões Francesas. Este mapa é uma cópia posterior daquele que deve ter sido apresentado na altura e cujo paradeiro actual se desconhece. Sobre um fundo idêntico ao mapa de Portugal (datado de 1788) que o espanhol Vicente Tofiño incluíra no seu inovador *Atlas de España*, é detalhada, em quadro anexo, a posição de três dezenas de pontos, desde Caminha até Faro.



CIERA, Francisco António, 1763-1814

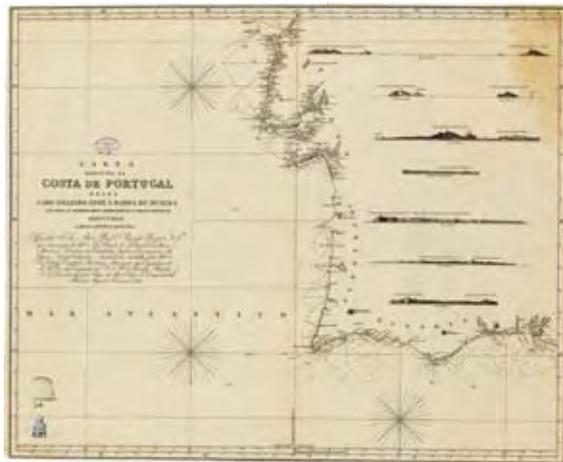
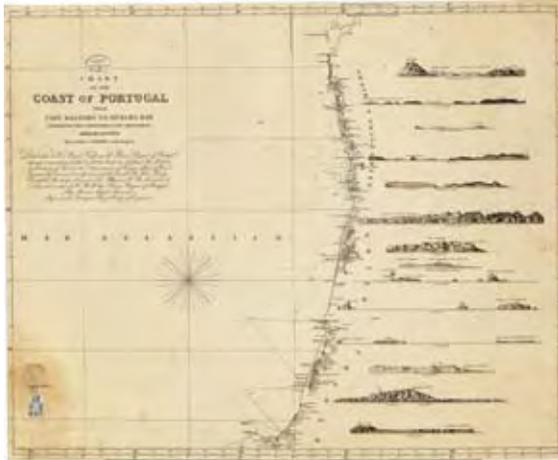
Carta esferoidica dos pontos mais notaveis da costa de Portugal, e dos triangulos que servirão para a determinação das diferenças em latitude, e longitude, a respeito do Observatorio da Academia Real das Sciencias, em 1799 / por F. A. Ciera ; copiada no Real Archivo Militar em Dezembro de 1826 por José Lucas Cordeiro, tenente do Real Exercito portuguez

Escala [ca. 1:880 000]

1826

1 mapa : ms., p&b ; 62 x 47 cm

4100-2A-24A-111 (DIE)



Tendo passado da Marinha para o Real Corpo de Engenheiros, em 1803, com o fim de colaborar na carta geral do reino dirigida por Ciera, Marino Miguel Franzini, filho do astrónomo italiano Miguel Franzini que fora contratado pelo governo português, destacar-se-ia não só pelos seus trabalhos cartográficos como, mais tarde, pelas suas actividades de cientista e político. Depois daquela data, trabalharia no Arquivo Militar, inicialmente como “copista”, pois assim ironicamente se referia às suas actividades, certamente por ambicionar já outras responsabilidades. Para a realização desta carta contou com o apoio do almirante inglês Berkeley, comandante em chefe das forças navais ao serviço de Portugal, tendo recebido os maiores elogios de ingleses, espanhóis e franceses. Ele próprio deixou relatadas as despesas que fez para conseguir que o melhor artista de Londres, Arrowsmith, executasse a gravura da carta, com a perfeição que “merecia” ou “exigia”. Ao proteger este trabalho de Franzini, o governo português pagou “uma espécie de dívida, que tinha contraído, quando negou a D. V. Tofiño a permissão de fazer no seu território as mesmas observações que praticou para levantar as cartas das costas de Espanha, por cuja razão ficaram as de Portugal por muitos anos depois não bem conhecidas”, assim se exprimiria, a respeito desta carta hidrográfica, o espanhol Mendonza Rios no *Investigador Português* (1813).

FRANZINI, Marino Miguel, 1779-1861

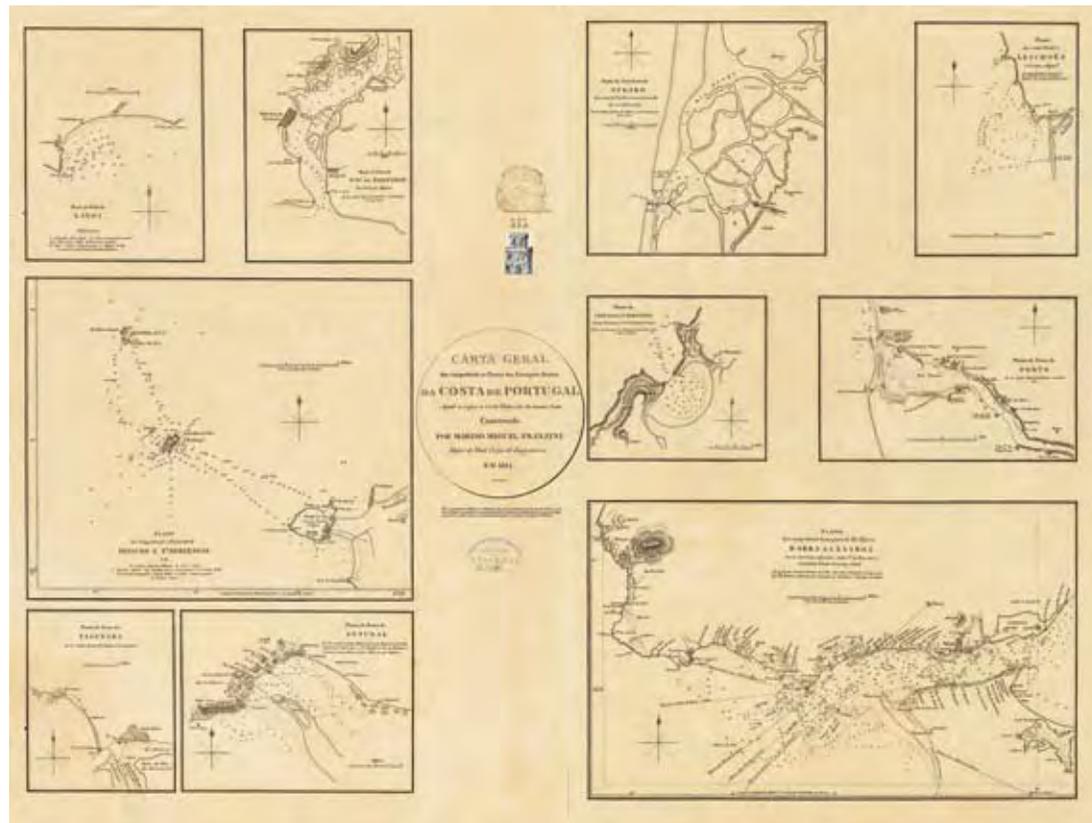
Carta reduzida da costa de Portugal desde Cabo Silleiro até á barra de Huelva : ajustada ás observações astronomicas e trigonometricas executadas em diferentes epochas no sobredito reino = Chart of the coast of Portugal from Cape Silleiro to Huelva Bar : constructed from astronomical and trigonometrical observations made at different periods in that kingdom / construida pelo major do Real Corpo de Engenheiros, Marino Miguel Franzini ; engraved under the direction of A. Arrowsmith
Escala [ca. 1:560 000]

London : published under the direction of A. Arrowsmith, 1811
1 mapa em 2 folhas : p&b ; 65 x 79 cm cada folha
4099/I-2A-24A-111 (DIE) - folha sul
4099/III-2A-24A-111 (DIE) - folha norte



13

Este conjunto de 10 aspectos parcelares da costa portuguesa, que acompanhava a carta hidrográfica geral (1811) e o roteiro (1812), é o resultado dos trabalhos efectuados por Franzini quando esteve empregado no Arquivo Militar, trabalhos que passaria depois a dirigir. Desde logo, aí reuniu e comparou as cartas existentes com as operações geodésicas executadas sob a direcção de Ciera, com vista à redacção de uma grande carta geral e ainda de outras por províncias. E para que adiantasse esse trabalho, o Rei, então no Brasil, ordenava que lhe fossem remetidas todas as cartas sobre Portugal que para o Real Arquivo do Rio de Janeiro haviam sido levadas em 1807. Estando já muito adiantado o projecto, o autor refere em 1812 que, animado por este patrocínio, projectou construir a “carta marítima da costa de Portugal de que absolutamente se carecia para a segurança da navegação nacional e estrangeira (não existindo neste género mais do que a erradíssima carta de Tofiño)”.



FRANZINI, Marino Miguel, 1779-1861

Carta geral que comprehende os planos das principaes barras da costa de Portugal : aqual se refere a carta reduzida da mesma costa / construida por Marino Miguel Franzini major do Real Corpo de Engenheiros em 1811 ; engraved under

the direction of A. Arrowsmith

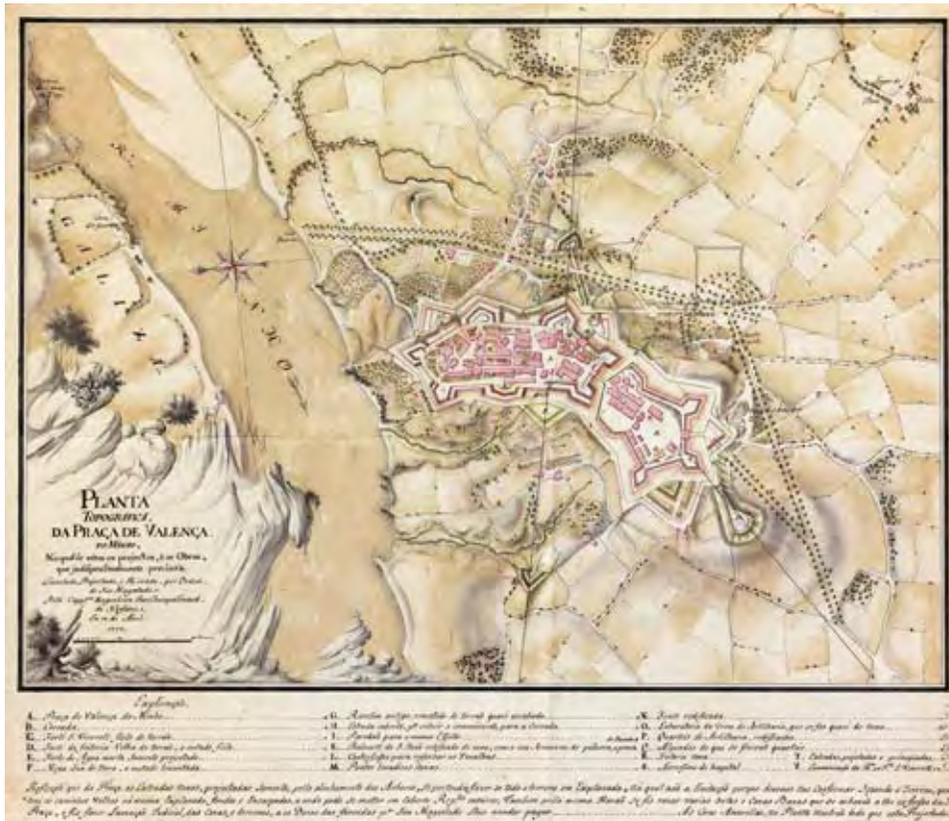
Escala [ca. 1:29 000-1:150 000]

London : published under the direction of A. Arrowsmith, 1811

1 mapa : p&b ; 61 x 77 cm

4098/I-2A-24A-111 (DIE)

14

**NUSSANE, José Champallimaud de, fl. 1762-1796**

Planta topografica da praça de Valença do Minho : na qual se vêem os projectos, e as obras, que indispensavelmente precisãõ / levantada, projectada, e riscada, por ordem de Sua Magestade, pello capp.am engenheiro Joze Champalimaud de Nussane em 12 de Abril [de] 1777
 Escala [ca. 1:3200], 125 brasas = [8,6 cm]

1777

1 planta : ms., color. ; 61 x 71 cm

2791-2A-25A-36 (DIE)

Nussane, oficial francês que veio para Portugal em 1762, trabalhou durante mais de 30 anos sobretudo no Norte do País, em particular no Minho, onde efectuou vários levantamentos de praças e fortes, nomeadamente em Valença, Viana do Castelo, Póvoa do Varzim, Porto e Vila Chã. É também o autor de uma pequena memória manuscrita sobre a defesa da costa portuguesa (1793).

Da planta de Valença, conhecem-se outras versões assinadas por Nussane, incluindo uma elaborada 10 anos antes, com diferenças assinaláveis, fruto dos trabalhos de restauração da praça. Vários perfis acompanhavam a carta aqui mostrada, a que remetem os números nela indicados, justificativos de obras executadas ou necessárias.



15

A trabalhar em Portugal desde 1766, o engenheiro francês Reinaldo Oudinot acabaria por morrer numa comissão que efectuou à ilha da Madeira, após quatro décadas de trabalhos notáveis. Ele foi director das obras das barras do Porto e de Aveiro, entre outras importantes comissões em que esteve envolvido, embora o seu nome tenha ficado sobretudo ligado aos trabalhos na foz do Douro. Esta planta deve ter sido levantada entre 1790, data expressa na posição do Cabedelo, e 1791, atendendo à sua patente de tenente-coronel (1785-1791). Documentos posteriores da mesma área, hoje dispersos por várias instituições, mostram os projectos do farol e da edificação sobre o molhe, aqui apenas esboçado, assim como a evolução do Cabedelo sob a acção das obras executadas.



UDINOT, Reinaldo, 1747?-1807

Mappa da foz do rio Douro, e das obras projectadas para a abertura, e para a defeza da barra, por ordem de S. Mag.de / pelo tenente coronel Raynaldo Oudinot

Escala [ca. 1:2300], 100 braças = [9,7 cm]

[1790-1791]

1 planta : ms., color. ; 49 x 71 cm

1875-2-19A-27 (DIE)



Nesta região litoral, o crescimento da restinga de areia para Sul fez migrar a barra de Aveiro e acabou por impedir a comunicação da laguna interior com o mar, impondo então sérias alterações ao quadro humano e às actividades económicas da área. Após sucessivas tentativas para a abertura da barra desde meados de Setecentos, o problema só seria resolvido no começo do século seguinte. Em 1802 foi chamado o engenheiro francês Reinaldo Oudinot, coadjuvado pelo seu genro Luís Gomes de Carvalho, que assumiria, após a morte do sogro, a direcção dos trabalhos. E, no dia 3 de Abril de 1808, pelas 7 horas da noite, para se evitar a aglomeração dos populares, a abertura da barra “rompeu como um tiro de pólvora (...) e toda a cidade ficou respirando melhor ar por estas providências (...)”.

Pertencendo a uma colecção de 33 folhas que cobrem detalhadamente e à mesma escala toda a costa portuguesa, esta folha, que parece retomar os levantamentos de Luís Gomes de Carvalho, mostra a situação da barra velha em 1802 (sendo, por lapso, referido o ano de 1820), quando são iniciados os trabalhos, e a sua posição à época.

PORTUGAL. Arquivo Militar, 1802-1868

[Barra de Aveiro]

Escala [ca. 1:30 000], 1. leg. [2540 braças] = [18,5 cm]

[post 1812]

1 mapa : ms., color. ; 95 x 58 cm

([Carta geral da costa de Portugal / Arquivo Militar] ; 7.º F.º)

4102/VII-2A-30A-112 (DIE)



17



A praça de Peniche tinha uma enorme importância estratégica na defesa da costa portuguesa e até na da capital, por constituir o extremo da linha militar que, do lado do Tejo, terminava junto a Santarém. Em frente, a ilha Berlenga, com o seu forte, vigiava a costa e apoiava as embarcações. O lugar de Peniche desenvolvia-se junto às muralhas curvas que interceptavam o istmo arenoso, retalhado entre o norte da Cidadela e a sua parte “de cima”. Desses aspectos nos dá conta esta representação, que não era por certo um documento de trabalho mas, muito provavelmente, uma ilustração embelezada, extraída a partir de algum mapa relativamente preciso, talvez dos finais de Setecentos. A assinatura irreconhecível não permite afixar com segurança nem a proveniência nem a sua data.

PLANTA DE PENICHE

Planta de Peniche

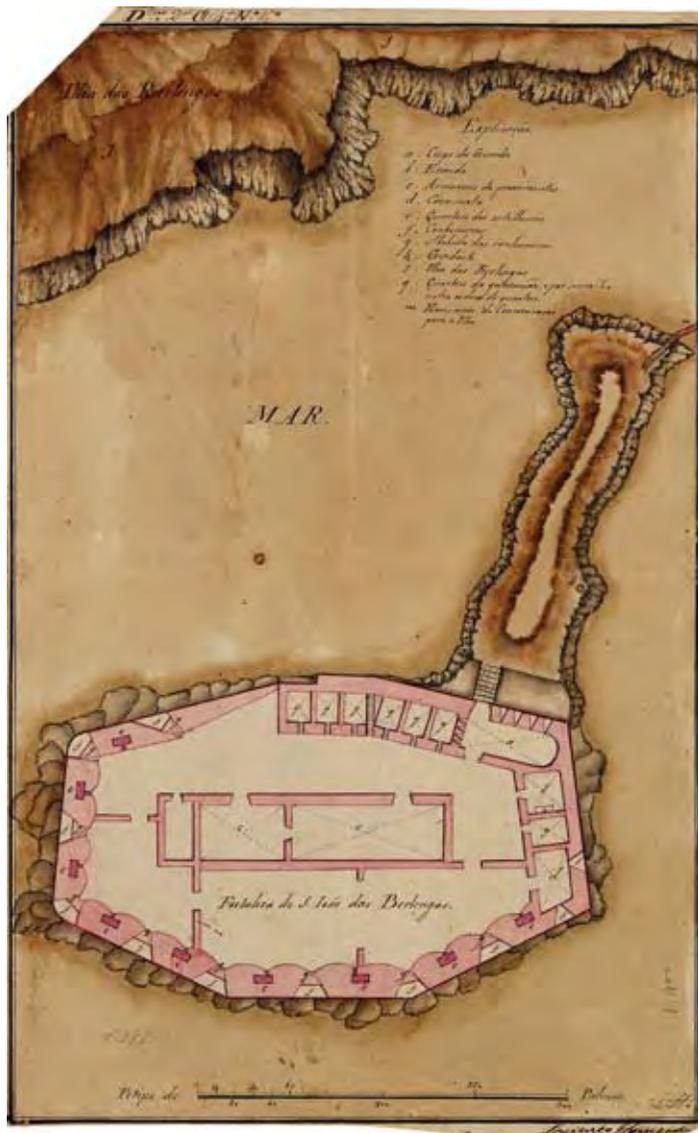
Escala [ca. 1:8000], 1000 pés = [4,1 cm]

[179-?]

1 planta : ms., color. ; 61 x 45 cm

3317-1-7-11 (DIE)





Este documento, tal como acontece com outros com a assinatura de Lourenço Homem, não foi provavelmente levantado mas talvez copiado por ele já que idêntica representação, com pequenas diferenças, integra a coleção das quase seis dezenas de *Plantas dos fortes e fortalezas da costa do norte do reino de Portugal*, oferecidas por Maximiano José da Serra a Luís Pinto de Sousa Coutinho, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, em 1796. Neste códice, hoje pertença do Biblioteca Pública Municipal do Porto, Serra refere expressamente que levantou a maior parte das plantas dos fortes “para conhecimento da diligência em que estou empregado, sem embargo de não me servir destes conhecimentos para as suas rectificações, por estar debaixo das ordens de oficial de maior patente, a quem fiz várias representações”. Com esta oferta visava dar ao seu trabalho o “valor que merece” e as providências que as defesas marítimas exigiam. Parte das suas curtas considerações foram retomadas em 1821 numa mais ampla *Memória em que se trata da defesa da barra de Lisboa e de toda a costa dos reinos de Portugal e Algarves*.

Este forte estava então arruinado e considerava-se que não defendia qualquer porto, servindo apenas para socorrer embarcações que fossem perseguidas, podendo aqui fundear e ficarem abrigadas.

EÇA, Lourenço Homem da Cunha de, 1767?-1833

Fortaleza de S. João das Berlingas / L. H. [cop.?]

Escala [ca. 1:400], 200 palmos = [11,4 cm]

[post 1796]

1 planta : ms., color. ; 69 x 43 cm

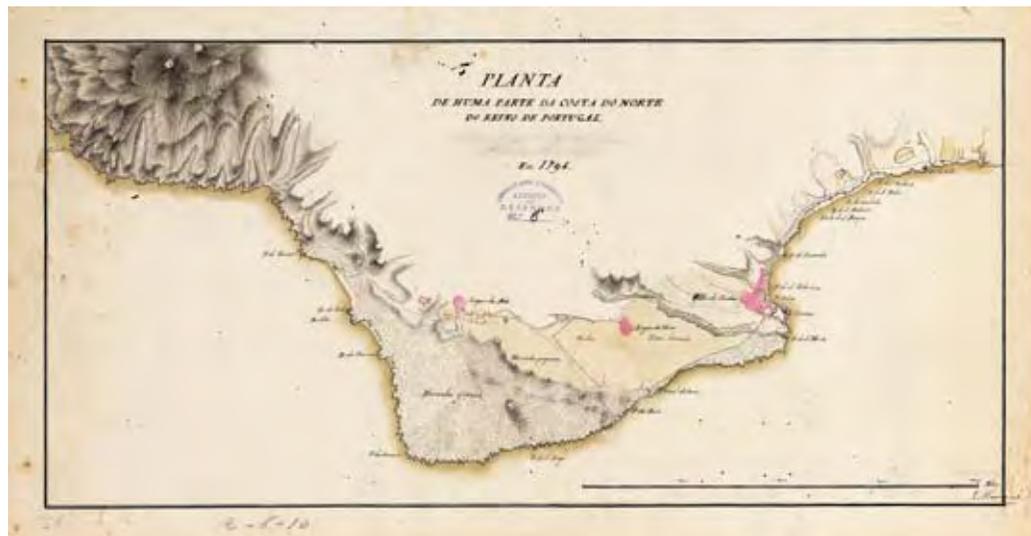
787-4-47-63 (DIE)

19

Mais uma vez com a assinatura de Lourenço Homem, como o documento anterior, este mapa foi levantado por Serra em 1794 e por ele integrado no conjunto de *Plantas dos fortes e fortalezas da costa do norte do reino de Portugal* (1796). Segundo Serra, “sendo constante o grande descuido de não haver uma carta exacta das nossas costas marítimas, mérito de interesse pessoal da minha profissão, e de zelo, principiei a levantar a carta da costa do norte em Cabo da Roca para finalizar uma porção na Torre de Belém, o que não consegui por causa de moléstia, ficando levantada quase três léguas até Cai-Águas”.

A este documento, certamente posterior e talvez copiado por Lourenço Homem, foi rasurada a informação que decorria na sequência do título, ou que lhe havia sido acrescentada, e que poderia estar relacionada com a autoria do levantamento.

Como se comprova, a costa da região próxima de Lisboa era já razoavelmente conhecida e bem representada nos finais de Setecentos, muito por via das preocupações com a defesa da capital e dos trabalhos de fortificação aqui efectuados.



SERRA, Maximiano José da, 1750?-1834

Planta de huma parte da costa do norte do reino de Portugal / [levantada por Maximiano José da Serra] em 1794 ; [copiada por?] L. Homem

Escala [ca. 1:27 000], 28 000 palmos = [23,0 cm]

[post 1794]

1 mapa : ms., color. ; 31 x 60 cm

4097/II-2A-24A-111 (DIE)



FRANZINI, Marino Miguel, 1779-1861

Plano hydrografico do porto de Lisboa, e costa adjacente até ao Cabo da Roca / redigido no Real Archivo Militar pelo coronel Marino Miguel Franzini ; sobre os trabalhos geodesicos e configurações do terreno, executados com o theodolite e plancheta, pelos D.or Ciera, coronel Caula, e outros officiaes em 1802

Escala [ca. 1:40 000], 3100 braças portuguezas = [17,1 cm]

[1803-1808]

1 mapa : ms., color. ; 60 x 129 cm

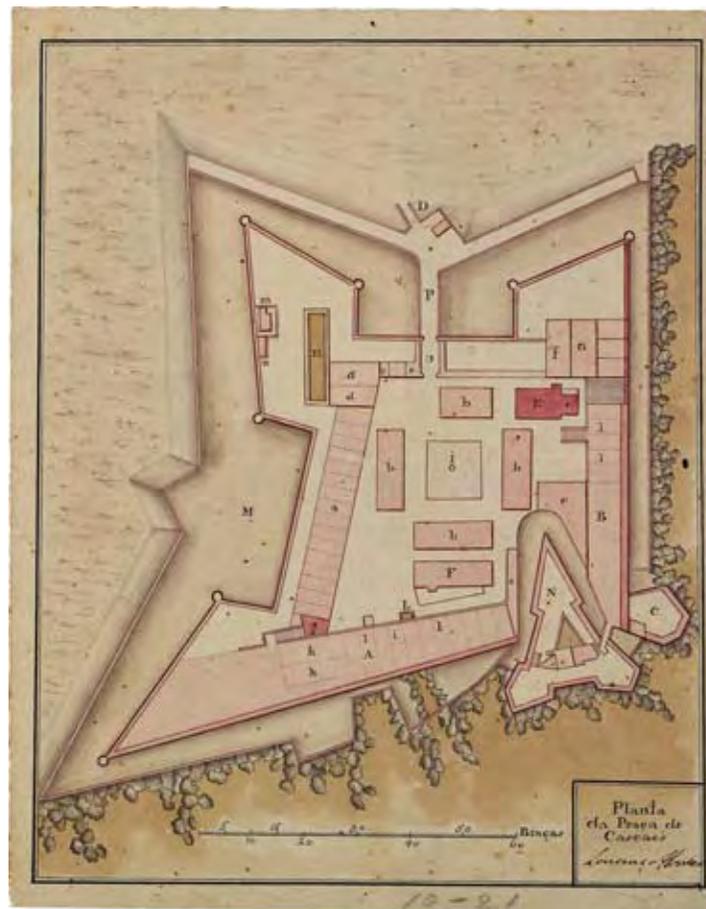
3956/III-2-22A-109 (DIE)

Depois de se ter transferido para o Real Corpo de Engenheiros, em 1803, para coadjuvar durante pouco tempo os trabalhos da carta geral do reino, já que os mesmos foram suspensos no ano seguinte, Franzini esteve ocupado a “reunir debaixo de um mesmo ponto todas as observações e determinações que se tinham feito para a construção do plano do porto de Lisboa, reunindo ao mesmo 16 diferentes planos particulares de prancheta (...), do que resultou a carta completa”. Apesar de se desconhecer o paradeiro dos levantamentos originais feitos sob a direcção de Francisco António Ciera, que os franceses levaram do Arquivo Militar, não há dúvida que Franzini compilou esta nova imagem, detalhada e rigorosa, da barra de Lisboa antes de 1808, servindo-se da informação existente. Uma versão reduzida foi impressa em 1811, em conjunto com outros aspectos parcelares da costa portuguesa do mesmo autor, assim como foi editada separadamente em francês (1816). Esta é, sem dúvida, a primeira carta náutica moderna da barra de Lisboa, que se conhece.



21

Entre 1791 e 1796, Lourenço Homem, na altura ainda ajudante de engenheiro, trabalhou em diversas obras entre Cascais e a Torre de S. Julião da Barra, às ordens de Romão José do Rego. Mas as plantas aqui mostradas destes dois locais são, também neste caso, semelhantes às oferecidas pelo então sargento-mor do Real Corpo de Engenheiros Maximiano José da Serra a Luís Pinto de Sousa Coutinho, em 1796. A esta planta falta a explicação do significado das letras, que a outra apresenta.



EÇA, Lourenço Homem da Cunha de, 1767?-1833

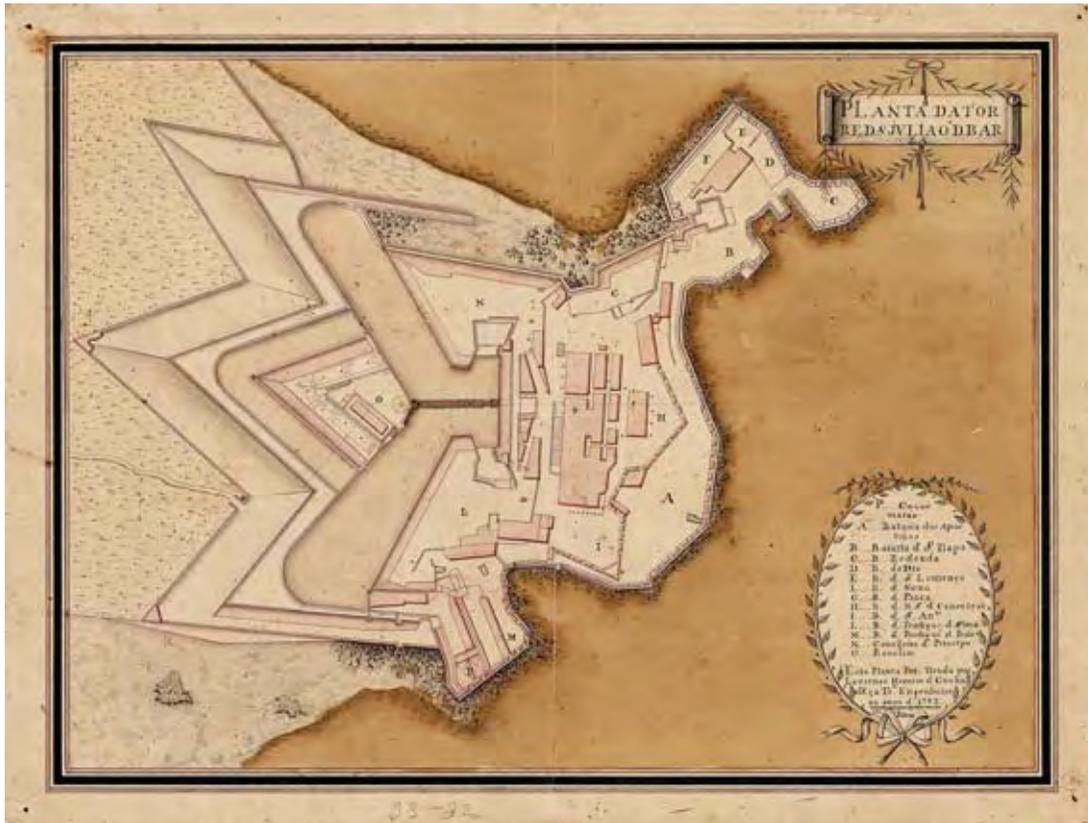
Planta da praça de Cascaes / Lourenço Homem

Escala [ca. 1:2000], 60 braças = [7,7 cm]

[1796]

1 planta : ms., color. ; 22 x 11 cm

1062-1-8-12 (DIE)



EÇA, Lourenço Homem da Cunha de, 1767?-1833

Planta da Torre de S. Julião d. Barra / esta planta foi tirada por Lourenço Homem d. Cunha d'Eça, te.te engenheiro, no anno d. 1793

Escala [ca. 1:1000], 150 palmos = [3,3 cm]

1793

1 planta : ms., color. ; 52 x 39 cm

3494/I-3-33-45 (DSE)

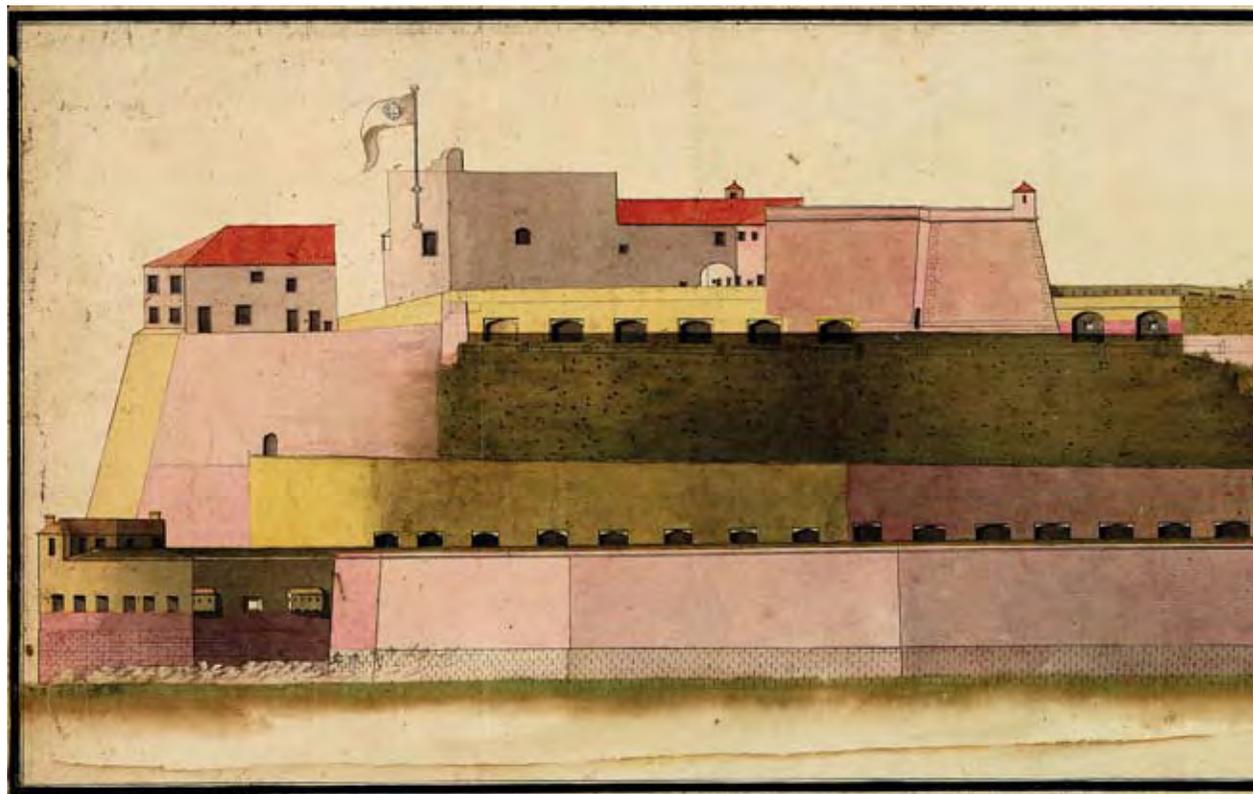
Tal como a anterior, esta planta deve ter sido levantada aquando da comissão em que Lourenço Homem esteve às ordens do engenheiro Romão do Rego, sendo também semelhante à que integra a colecção atrás referida. Só a orientação é distinta, bem como a apresentação dos elementos e o detalhe da informação.

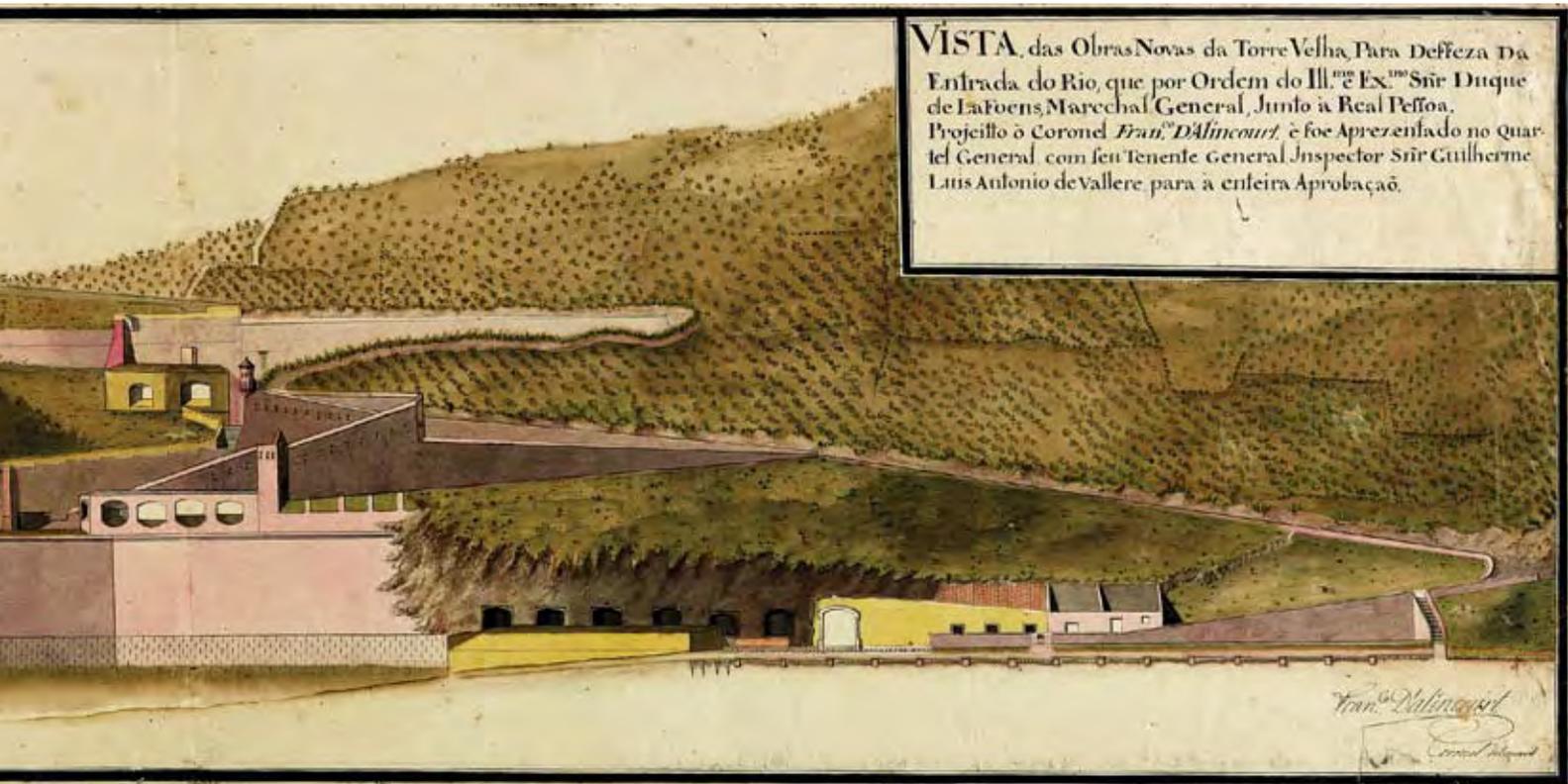
A Torre de S. Julião, originalmente construída no século XVI e de grande significado para os marinheiros já que marca, em conjunto com a do Bugio, a entrada no oceano ou na barra de Lisboa, era nesta época um elemento-chave para a defesa desta barra. Foi também cárcere, militar e político, e aí existia desde há muito um farol, destruído no terramoto de 1755 e depois restaurado.

23

A exuberância desta vista da Torre Velha, tão característica dos desenhos de Francisco de Alincourt, está também patente nos inúmeros documentos que chegaram até nós dos seus trabalhos aí realizados entre 1794 e 1796. Durante muito tempo, a Torre Velha ou de S. Sebastião da Caparica, situada na margem sul do Tejo entre a Trafaria e Almada, foi considerada importante para a defesa da barra de Lisboa mas estava já convertida em lazareto na segunda década do século XIX.

Muitas das plantas e vistas de Alincourt apresentam montagens de aspectos que se descobrem ao levantarem-se os sucessivos papéis colados, como acontece com uma outra versão semelhante deste documento, a que se aliam cores garridas e um traço forte. Nos princípios de 1800, o autor passava a trabalhar em Elvas, legando-nos também um conjunto numeroso de plantas e vistas de fortificações.





ALINCOURT, Francisco de, 1733?-1816

Vista das obras novas da Torre Velha, para deffeza da entrada do rio / que por ordem do Ill.mo e Ex.mo Sñr. duque de Lafoens, marechal general, junto à Real Pessoa, projeitto ò coronel Fran.co d'Alincourt è foe apresentado no Quartel General, com seu tenente general, inspector Sñr. Guilherme Luis Antonio de Vallere, para à enteira aprobação

[Escala indeterminada]

[ca. 1795]

1 vista : ms., color. ; 28 x 98 cm

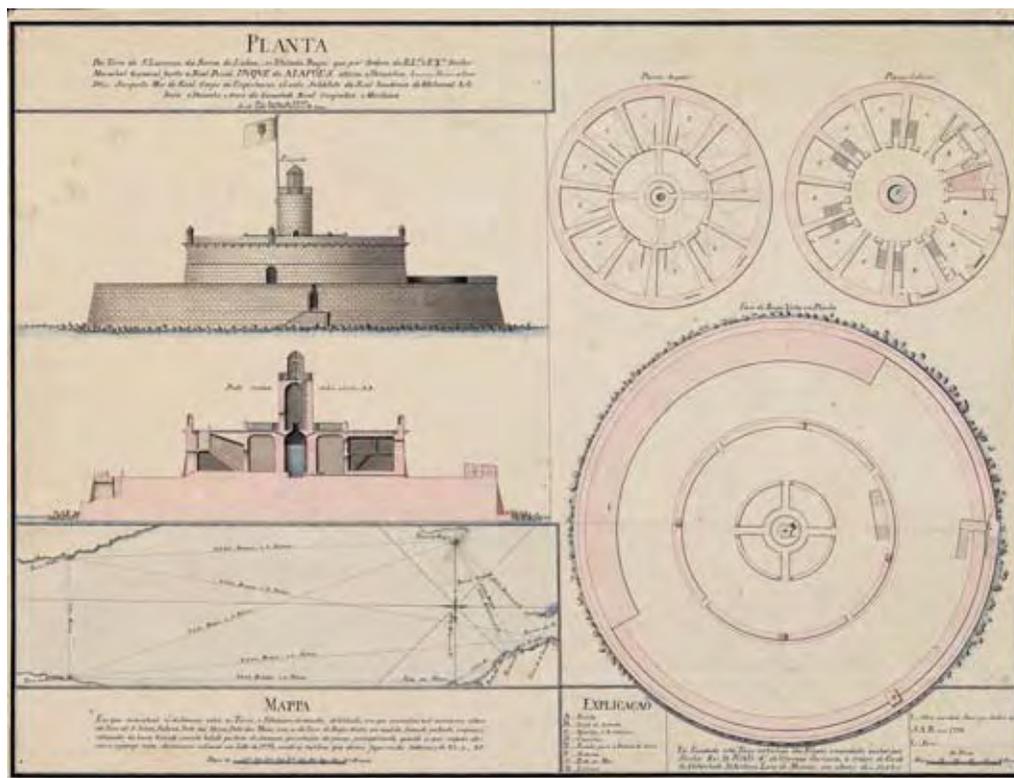
2688-2A-25A-36 (DIE)

24

De importância capital, a Torre do Bugio, cuja construção só foi finalizada no século XVII, vigiava e defendia o porto de Lisboa. Era pela barra grande, situada entre os dois Cachopos que bloqueiam esta entrada, ou então mais dificilmente pela barra pequena, entre o Cachopo do Norte e a costa setentrional, que os navios podiam entrar em direcção à capital.

Estranha-se que este documento contenha a data de 1797 associada explicitamente ao posto de capitão do seu autor (1799-1804). Por outro lado, o desenho é posterior ao ano indicado, a julgar tanto pela data de uma das obras referidas (1798) como pela nova patente de sargento-mor que lhe é atribuída (1804-1819) ou ainda pelo cargo de lente substituto da Academia de Fortificação, para o qual o autor foi nomeado em 1802. As contradições não são fáceis de esclarecer. Em anexo figura um *Mapa em que se mostram as distancias entre as torres e fortalezas (...)*, na escala aproximada de 1:50 000.

Nova representação detalhada da Torre do Bugio seria feita pelo brigadeiro Serra, quando aí foi encarcerado em finais de 1828, depois de ter sido comandante interino do Real Copo de Engenheiros.



EÇA, Lourenço Homem da Cunha de, 1767?-1833

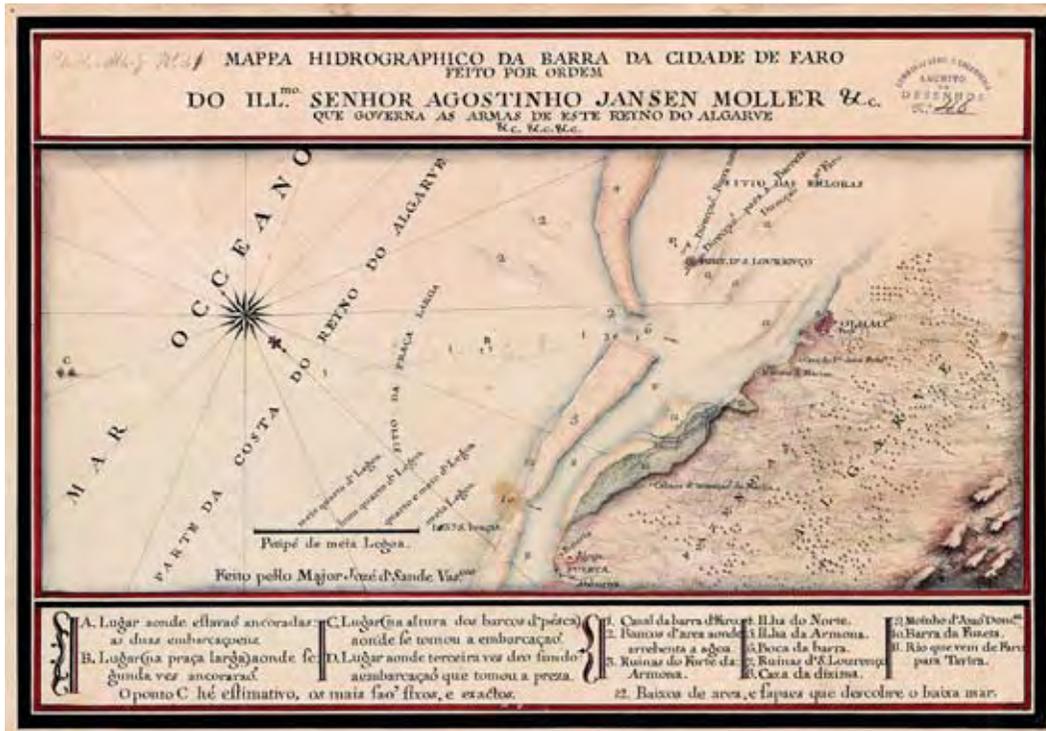
Planta da Torre de S. Lourenço, da barra de Lisboa, in titulada, Bugio / que por ordem do Ill.mo e Ex.mo Senhor marechal general junto a Real Pessoa duque de Alafoes, atirou, e dezenhou Lourenço Homem da Cunha d'Eça, sargento mor do Real Corpo de Engenheiros [...] em Junho de 1797, sendo
antão capitão do mesmo R. Corpo

Escala [ca. 1:170], 50 palmos = [6,6 cm]

[post 1798]

1 planta : ms., color. ; 46 x 60 cm

3572/I-3-32-44 (DIE)



VASCONCELOS, José de Sande, 1730?-1808

Mappa hydrographico da barra da cidade de Faro : feito por ordem do Ill.mo Senhor Agostinho Jansen Moller &c. que governa as armas de este reyno do Algarve / feito pello major Jozé d'Sande Vas.cos

Escala [ca. 1:44 000], 1375 braças = [6,9 cm]

[1782]

1 mapa : ms., color. ; 31 x 44 cm

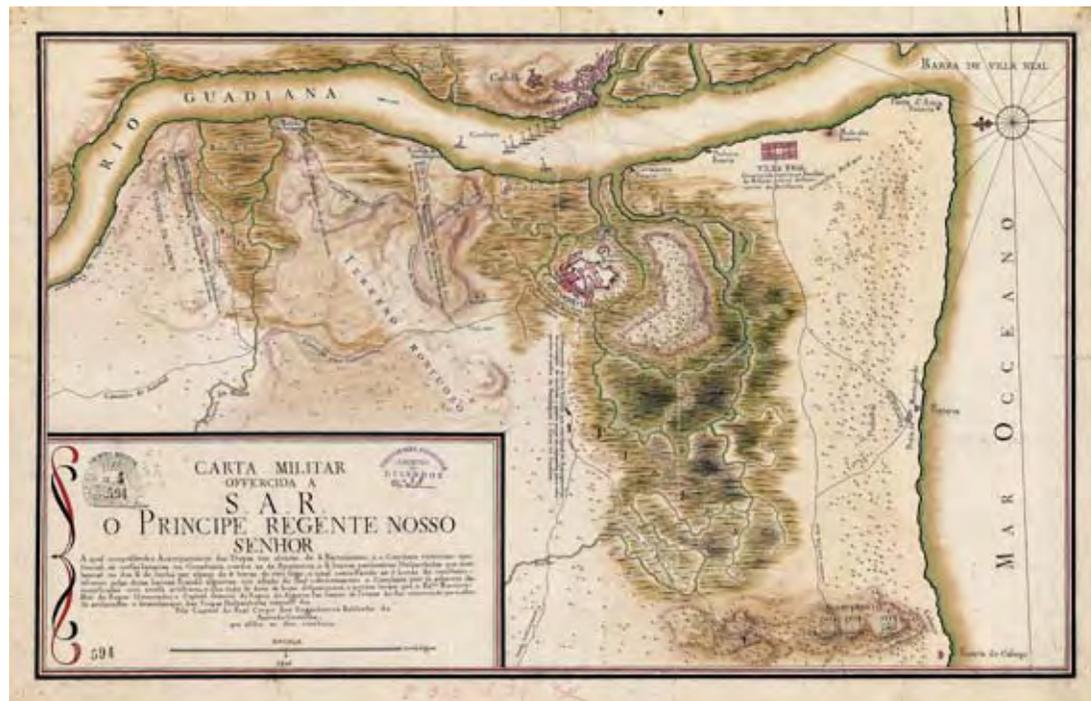
2197-1A-15-20 (DIE)

Sande Vasconcelos é um engenheiro militar sobejamente conhecido pelos seus profusos levantamentos feitos no Algarve, onde foi colocado em 1772 e onde acabaria por terminar os seus dias. Ele foi o autor de inúmeras cartas topográficas e hidrográficas e ainda de plantas de fortes ou de quartéis. No entanto, os seus levantamentos cartográficos não nos parecem ser de grande rigor, nem tão-pouco trazer inovações relevantes para a época, mesmo atendendo a que foram realizados no último quartel do século XVIII. Dado que Agostinho Jansen Moller foi governador interino do Algarve em 1782, altura em que Sande Vasconcelos era major (1771-1784), a carta datará certamente desse ano.

Retratando parte da ria de Faro, entre Olhão e a Fuseta, o mapa centra-se na chamada “barra grande” (aqui designada por barra de Faro), que separa as ilhas da Armona e da Culatra (ou do Norte), ficando a “barra nova” para lá deste extracto. Faro encontra-se também fora do espaço figurado, quase a idêntica distância em linha recta de Olhão relativamente à que separa esta localidade da Fuseta.

26

Tendo trabalhado com Sande Vasconcelos, Azevedo Coutinho, que pertencia ao Real Corpo de Engenheiros, esteve também destacado no Algarve. Lente substituto de matemática na escola do Regimento de Tavira, foi também autor de vários mapas, tanto da foz do rio Guadiana, como da área da Quarteira, de Lagos e de Portimão, para além de plantas de baterias algarvias. Tendo sido promovido a capitão em 1796, morreria, com a patente de major, talvez na década de 1810 ou nos princípios da seguinte. Este mapa mostra, aliás, algumas similitudes com os de Sande Vasconcelos e um domínio técnico pouco apurado, se comparado com outros feitos em Portugal na mesma época. No entanto, ao testemunhar os acontecimentos vividos em 1801, no conflito entre Portugal e Espanha, este documento adquire outro valor.



COUTINHO, Baltasar de Azevedo, fl. 1793-1810

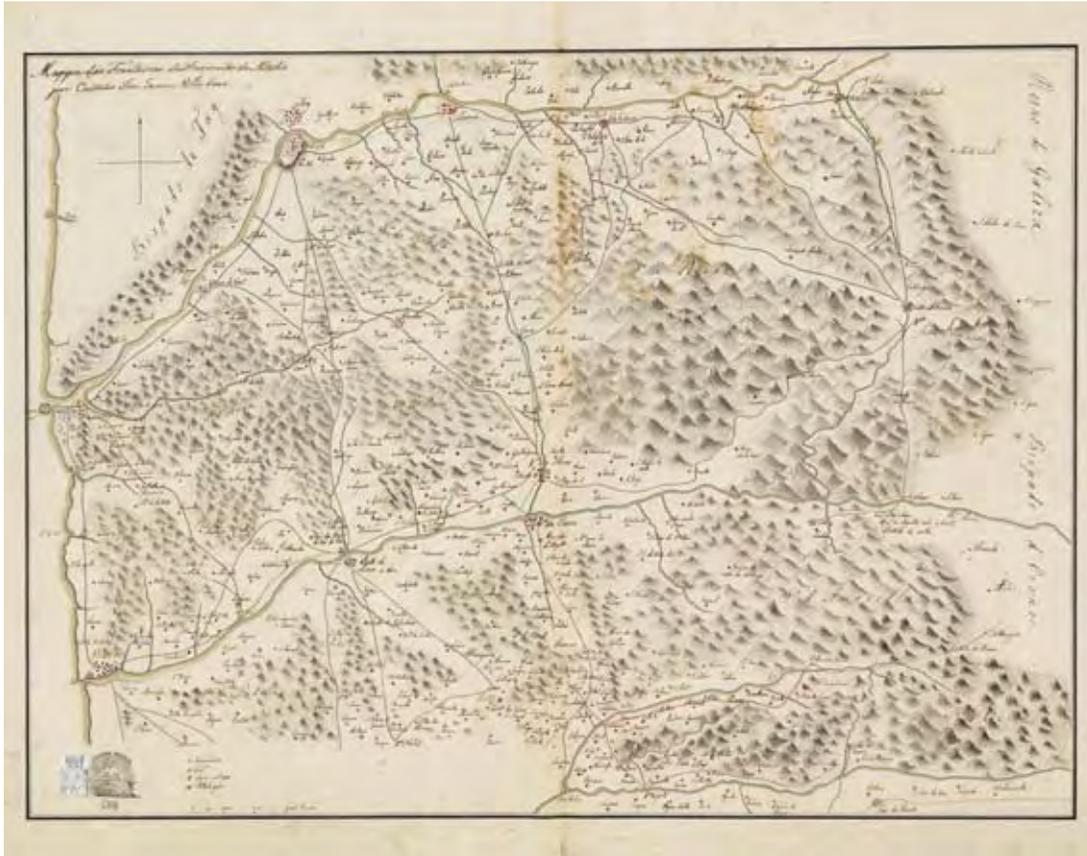
Carta militar oferecida a S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor a qual comprehende o acampamento das tropas nas alturas de S. Bartulomeo, e o combate victorioso que tiverão as nossas baterias no Guadiana, contra as de Ayamonte, e 8 barcas canhoieras hespanholas que combateraõ no dia 8 de Junho por espaço de 4 horas de vivo fogo, o qual comessando as 5 horas da menham afroxou pelas ditas barcas, ficando algumas em estado de não continuarem o combate por se acharem damenificadas com anossa artilharia, o que tudo se deve às boas dispoziçoens, e pontos locões que o Ex.mo monteiro mor do reyno governador, e capitaõ general do reyno do Algarve fez tomar às tropas do seo commando par ofim de embarassar o desembarque das tropas hespanholas naquele dia / pelo capitaõ do Real Corpo de Engenheiros Baltasar de Azevedo Coutinho, que assistio ao dito combate

Escala [ca. 1:21 000], meia legua [19 ao grau] = [13,7 cm]

1801

1 mapa : ms., color. ; 42 x 66 cm

3966/I-2-19-28 (DSE)



VILAS BOAS, Custódio José Gomes de, 1771-1809

Mappa das fronteiras da provincia do Minho / por Custodio Jozé Gomez Villasboas

Escala [ca. 1:96 000], 3 mil braças = [6,9 cm]

[ca. 1800]

1 mapa : ms., color. ; 64 x 84 cm

3596-3-33-45 (DSE)

O autor desta e de outras importantes descrições do Minho, que era oficial do Real Corpo de Engenheiros, trabalhou quase exclusivamente nessa província desde o início da década de 1790 e até ser assassinado em Braga, pela população. Uma carta semelhante a este esboço, que pelos dados fornecidos em quadro anexo terá sido construída depois de 1798, foi por ele apresentada à Sociedade Real Marítima em 1801. Ela ilustrava uma *Descrição topographica...*, provavelmente preparatória dos trabalhos que Vilas Boas havia iniciado pouco tempo antes. Uma e outra mostram também fortes semelhanças com o seu mais amplo *Mappa da provincia d'entre Douro e Minho...*, levantado em 1794 e 1795.

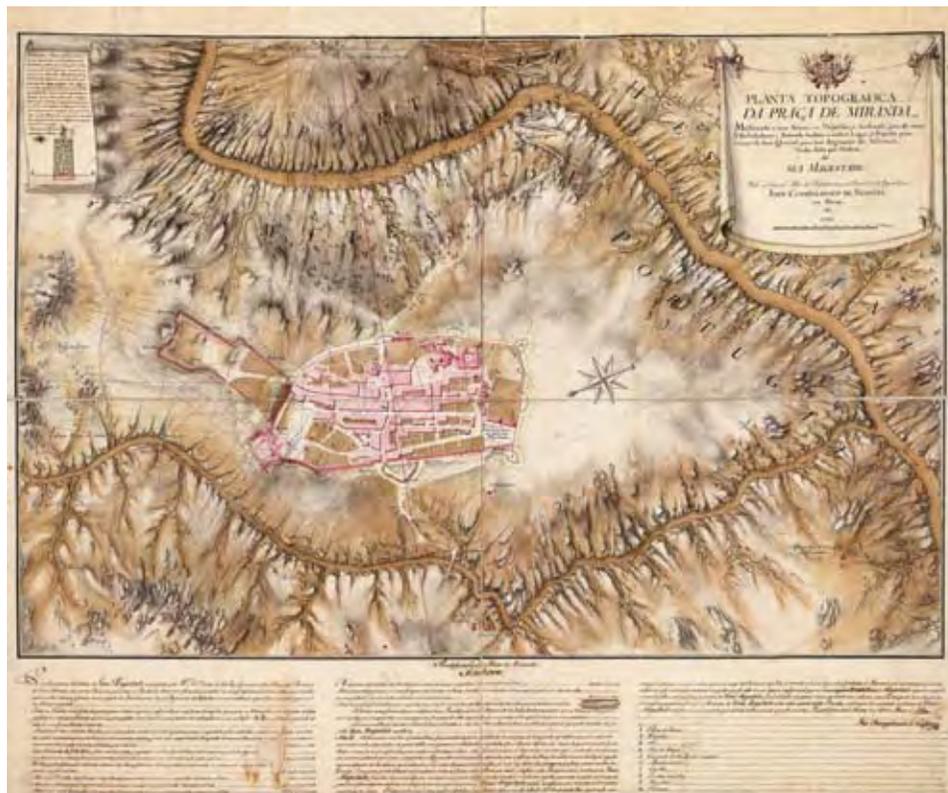
Apesar do fictício desenho dos montes em perspectiva, as triangulações que o autor realizou asseguram uma localização mais exacta para o grande número de lugares indicados.



28

Champallimaud de Nussane, que trabalhou sobretudo na região do Minho, foi chamado em 1780 a Miranda do Douro, com vista à reconstrução da sua praça, às ordens do governador das armas da província de Trás-os-Montes. Das diligências efectuadas nesta extremidade oriental de Trás-os-Montes nos dá conta o seu autor na descrição que deixou relatada na margem inferior do documento.

Este interessante mapa era acompanhado de, pelo menos, duas plantas do quartel projectado para o Regimento de Infantaria e ainda de duas belíssimas vistas da praça, uma das quais assinalando os resultados da destruição infligida pelos espanhóis em 1762 e a outra mostrando como “está enfiada pelos fogos do inimigo”. Este conjunto de documentos encontra-se hoje repartido por arquivos diferentes.



NUSSANE, José Champallimaud de, fl. 1762-1796

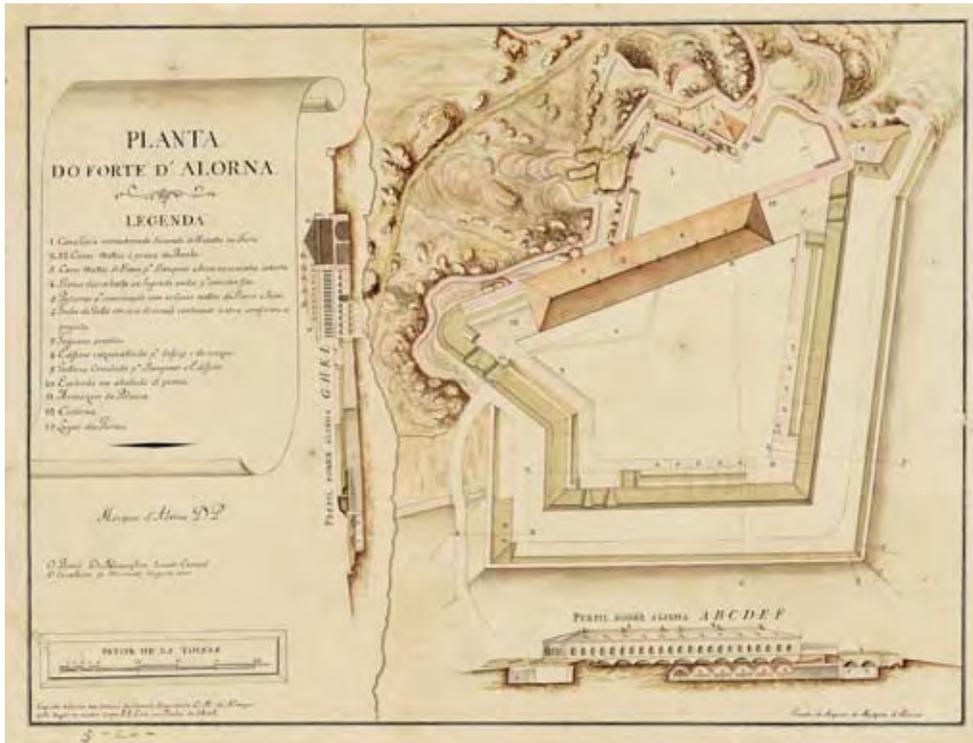
Planta topografica da praça de Miranda : mostrando as suas ruínas, os projectos, e avaliação, para de novo se restabelecer : notando tambem o melhor lugar, e projecto para formar se hum quartel para hum Regimento de Infantaria / pelo sargento mor de Infantaria, com exercicio de engenheiro, Jozé Champalimaud de Nussane, em Março de 1780

Escala [ca. 1:1800], 100 braças = [12,5 cm]

1780

1 planta : ms., color. ; 98 x 122 cm

3108-2-21-30 (DIE)



BLUMENSTEIN, Barão de, fl. 1797-1802

Planta do Forte d'Alorna : tirada do arquivo do marques d'Alorna / o barão de Blumenstein, tenente coronel, o cavalheiro de Miremont, sargento-mor ; copiado debaixo das ordens do coronel engenheiro C. H. de Niemeyer pello major do mesmo Corpo I. J. Lião, em Junho de 1805

Escala [ca. 1:410], 25 toisas = [11,9 cm]

1805

1 planta : ms., color. ; 45 x 60 cm

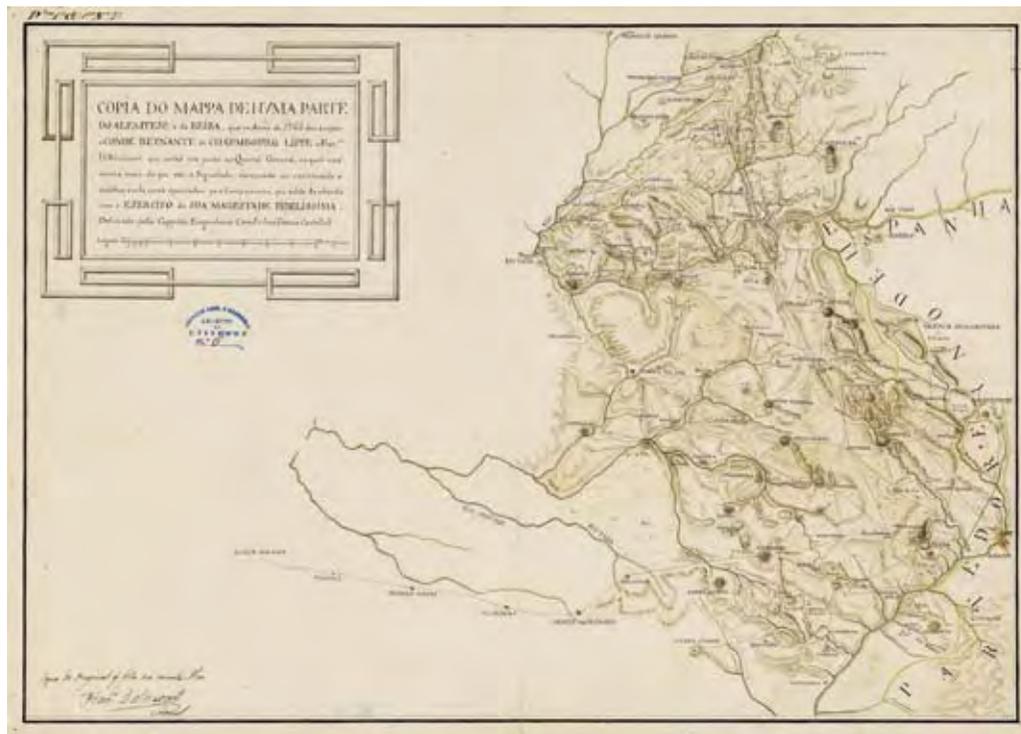
567-1-3A-6 (DIE)

Construído em 1801, a uns 5 km a Sudoeste da Guarda, considerava-se que este forte pudesse desempenhar um importante papel nas operações militares da Beira Interior. Dois mapas complementavam esta planta, um dos seus arredores e outro mostrando a importância da posição do forte no contexto regional. Terão sido talvez todos levantados aquando da sua construção, na altura em que o marquês de Alorna comandou o exército reunido na província da Beira, pela dupla Blumenstein e Miremont, oficiais estrangeiros contratados em 1797 e que regressariam aos seus países em 1802, embora continuando a receber os seus soldos dobrados.

Mas o valor defensivo deste forte era discutível: Augusto du Fay, que comandou a 2.^a Divisão da Inspeção-Geral das Fronteiras e Costas Marítimas (1802-1804) dirigida pelo marquês de Rozière, com quem veio para Portugal em 1797, exprime assim a sua posição numa extensa memória que preparou em Junho de 1804 sobre a defesa da Beira: “Demoliram-se para essa construção as fortes muralhas da Guarda e se cobriram as avessas descobriu-se a frente, pois não ampara de nenhum modo o forte de Porcas mais que pelas ribas do Mondego a uma passagem remota (...). Então, foi a sua construção coisa superabundante e foi coisa nociva a destruição dos fortes e muralhas da Guarda”.

30

Figurando parte da fronteira oriental portuguesa, de Olivença até ao Tejo e estendendo-se para a Beira Interior próxima, a carta original teria sido levantada pelos irmãos Luís e Francisco de Alincourt, conforme é indicado noutro documento idêntico, de que este parece ser uma cópia a limpo. Estes oficiais de origem francesa devem ter procedido aos levantamentos por ocasião da campanha de 1762, embora esta cópia, atendendo ao que é nela referido, seja posterior a 1795, altura em que o engenheiro Camilo José Gomes Castelão, que a delineou, foi promovido a capitão, e anterior a 1801, dada a representação da fronteira em Olivença.



ALINCOURT, Luís de, fl. 1762-1766

Cópia do mappa de huma parte do Alemtejo, e da Beira / [levantado militarmente por Luís de Alincourt e Francisco de Alincourt] ; que no anno de 1763 deu a copiar o conde reynante de Chaumbourg Lippe a Fran.co d'Alincourt que antaõ era junto ao Quartel General, no qual naõ consta mais do que vai a signalado, carecendo ser continuado a detalhar, e nele estão apontados os a campamentos que o dito Senhõr fés com o exercito de Sua Magestade Fidelissima ; deliniado pello cappitão engenheiro Camilo Jozê Gomes Castellaõ
Escala [ca. 1:400 000], 8 léguas portuguezas [20 ao grau] = [10,2 cm]

[1795-1801]

1 mapa : ms., color. ; 44 x 62 cm

510-1-4-7 (DIE)



COSTA, José Maria das Neves, 1774-1841

Carta militar de huma parte da fronteira do Alemtejo entre o Tejo e a villa de Assumar : configurada segundo as notas itinerario-topographicas do reconhecimento feito na mencionada fronteira no anno de 1803 : novamente redegida e desenhada pelo mesmo major por ordem do Ex.mo ten.te gen.al Command.te do Real Corpo d'Engenheiros por se havêr extraviado, no anno de 1808, por morte do Inspector Geral das Fronteiras, marquêz de la Rósière, a 1.^a carta construida no tempo do referido reconhecimento / pelo major Joze Maria das Neves Costa ; Secretaria do Real Corpo d'Engenheiros

Escala 1:50 000

1819

1 mapa : ms., color. ; 93 x 177 cm

506-1-4-7 (DIE)

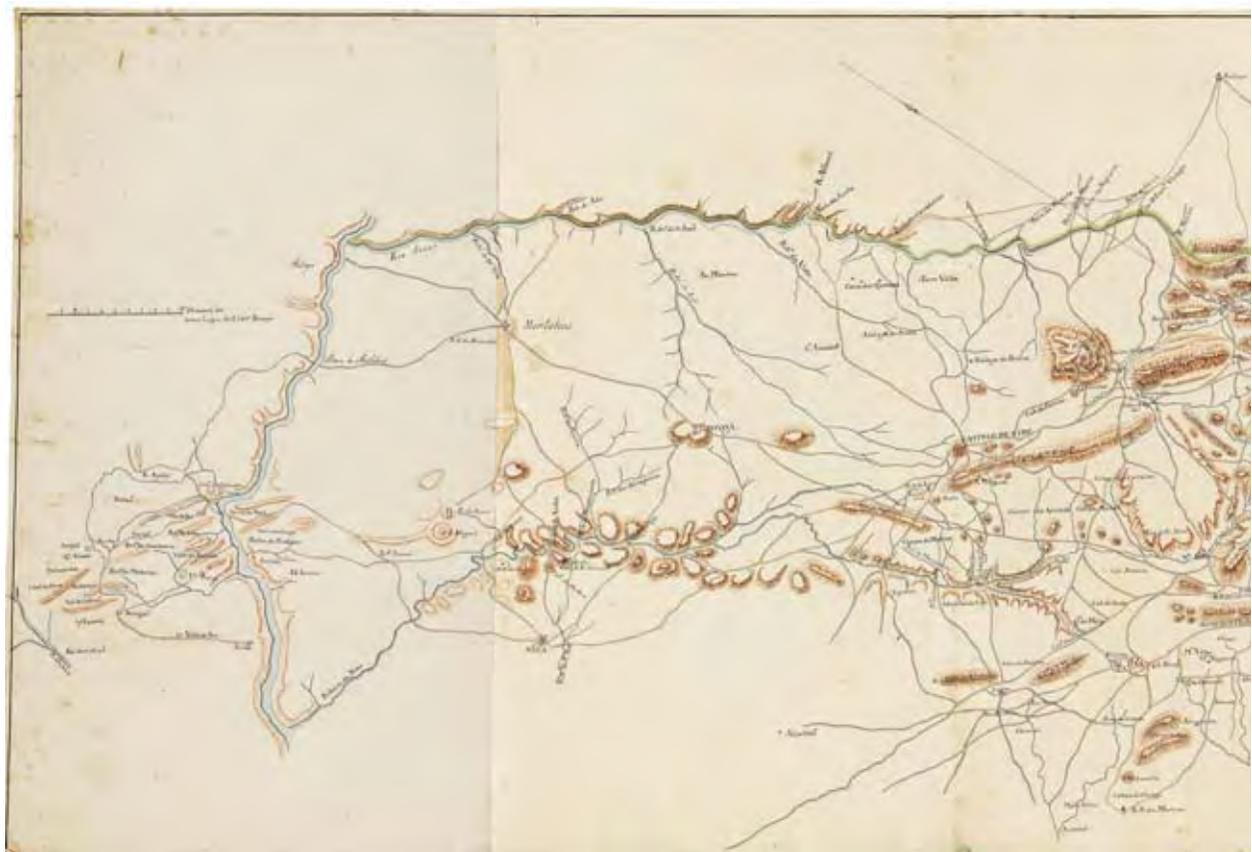
O mapa original de 1803, a que o título se refere, é o resultado do trabalho efectuado no quadro da Inspeção-Geral das Fronteiras e Costas Marítimas do Reino (1802-1804), dirigida pelo marquês de Rozière, em cuja 1.^a Divisão trabalhara Neves Costa às ordens do conde de Chambors. Embora se tenha pensado que se extraviara, sabe-se hoje que, aquando da primeira Invasão Francesa, Rozière passou para a posse deste exército todos os documentos que possuía. Desconhece-se ainda o paradeiro da generalidade dos mapas, depois enviados para França, mas a interessante memória que acompanhava este mapa da fronteira é hoje pertença dos Archives Historiques de l'Armée de Terre (vulgarmente conhecido por Arquivo Histórico de Vincennes), juntamente com uma tradução para francês. Por essa razão, vários anos depois, Neves Costa seria encarregado de o refazer.

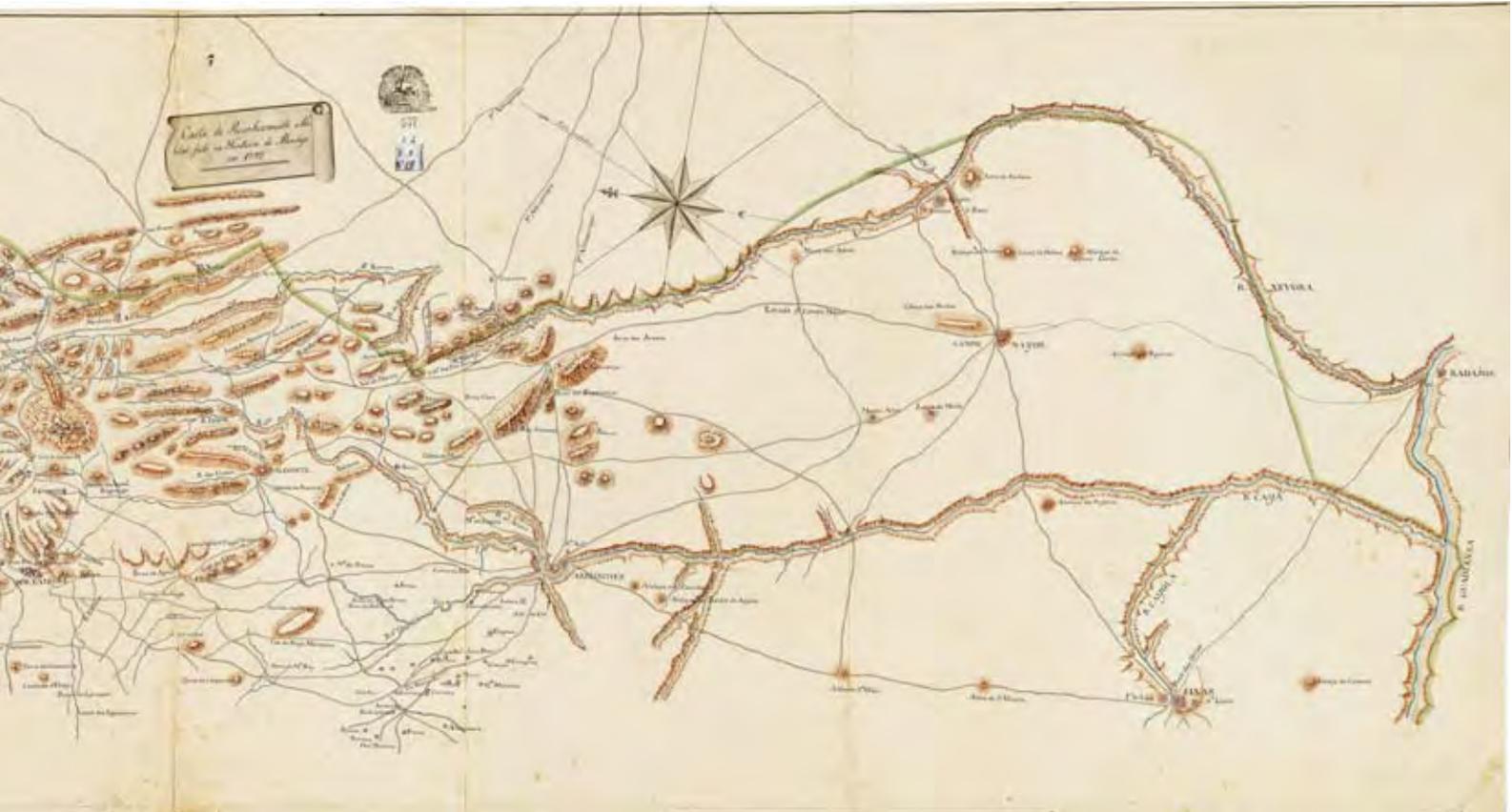


32



Trata-se do célebre mapa da fronteira do Alentejo levantado, sob a direcção de Luís Cândido Cordeiro Pinheiro Furtado, por vários oficiais do Real Corpo de Engenheiros, entre os quais se destaca a contribuição, nos trabalhos de triangulação, de Henrique Niemeyer. Este engenheiro mediu, com a exactidão possível, uma base junto a Marvão e construiu o esqueleto de referência para o levantamento dos terrenos. Depois, os trabalhos foram divididos entre três equipas: Braun, Roze, Pedro Celestino e Vicente António trabalharam entre Marvão e o Tejo, enquanto Niemeyer com os oficiais à sua ordem, Pedro Folque e Caetano Paulo, levantaram a porção de Marvão a Arronches e, daqui até Elvas, se ocupou Raimundo Valeriano, acompanhado por José Francisco António Dias e Joaquim Francisco. Niemeyer procedeu ainda a vários levantamentos parciais, em escala maior, bem como tentou completar a carta com informações sobre a parte interior do Alentejo.





FURTADO, Luís Cândido Cordeiro Pinheiro, 1750-1822

Carta do reconhecimento militar feito na fronteira do Alemtejo em 1797 / [pelos oficiais do Real Corpo de Engenheiros, que comanda o brigadeiro Luís Cândido Cordeiro Pinheiro Furtado]

Escala [ca. 1:62 000], 10 decimos, ou huma legua, de 2540 braças = [9,0 cm]

1797

1 mapa : ms., color. ; 57 x 189 cm

498-1-4-7 (DIE)

33

A praça de Ouguela, próximo de Campo Maior, era uma das posições fortificadas que, alcandoradas nas margens do rio Guadiana, guardavam o Alentejo e faziam frente às espanholas, situadas na outra margem.

Estando empregado na reparação da praça entre Julho de 1803 e Abril do ano seguinte, Serra procedeu ao levantamento desta planta. Provavelmente tal comissão fora ordenada pelo marquês de Rozière, que mandou proceder a vários destes trabalhos ao reconhecer algumas deficiências na defesa da fronteira do Alentejo, quando comandou a Inspeção-Geral das Fronteiras e Costas Marítimas do Reino. Mas alguns desses trabalhos ficaram suspensos quando foi posto fim a essa Inspeção em 1804.

Esta planta é também curiosa pela marcação, em vários locais, das alturas acima e abaixo da plataforma da Torre, utilizada para “ponto de comparação”.



SERRA, Maximiano José da, 1750?-1834

Planta de Ougoéla : com as duas lunetas q. mandou construir o marquez de la Rozier / levantada, e construidas as ditas obras pelo s.º mor eng.º Maximiano Joze da Serra, em 1803

Escala [ca. 1:1700], 100 b.s = [13,1 cm]

1803

1 planta : ms., p&b ; 41 x 98 cm

3235-2A-27-39 (DIE)



TERNAY, Marquês de, ?-1813

Plan de la forteresse de Xerumenha / leve à vue par le lieutenant colonel m.is de Ternay pour servir à l'intelligence du memoire fait par cet off.er en consequence des ordres de S. Ex. M. le lieutenant general marquis d'Alorna

Escala [ca. 1:2600], 400 pas = [10,0 cm]

1807

1 planta : ms., color. ; 58 x 62 cm

2072-2-18-26 (DIE)

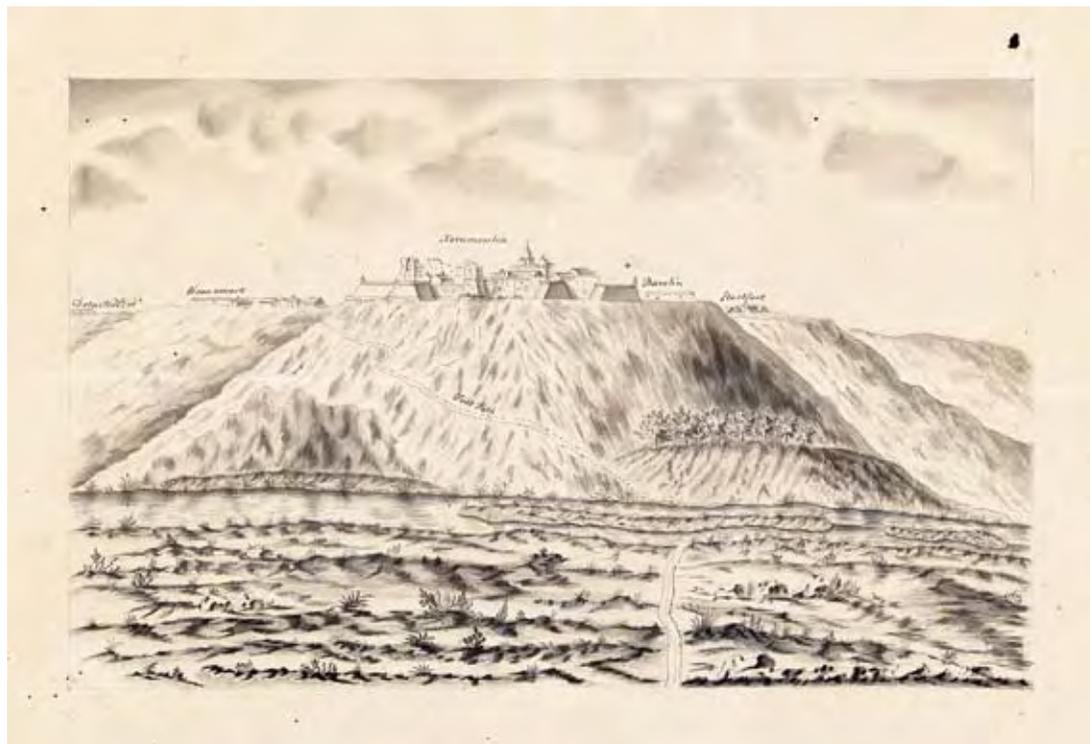
Carlos Gabriel Hilário d'Arsac, vulgarmente conhecido por marquês de Ternay, era um oficial francês ao serviço de Portugal desde 1797. Viria a falecer quando se encontrava em serviço em Castelo de Vide, em 1813. Trabalhou com o marquês de Rozière, quer quando este dirigiu o Estado-Maior do Exército no Entre-Douro-e-Minho, em 1801, quer, em seguida, na Inspeção das Fronteiras e Costas Marítimas do Reino (1802-1804). Depois, estando no Algarve e em seguida no Alentejo, ocupou-se em deixar representadas várias posições fortificadas, geralmente enquadradas na região, também descritas sob a forma de memórias (Castro Marim, Elvas, Mourão, Juromenha, Alvito...). Mas legou-nos ainda algumas reflexões sobre a defesa tanto do Norte como do Sul de Portugal.

A imagem deste sector do vale do Guadiana, sob a forma de "brouillon" rápido, identifica facilmente o seu autor, nomeadamente pela expressão das formas do terreno feita através de traços, de diferente espessura e comprimento, que modelam no papel as vertentes observadas à vista na paisagem.



35

Sendo desconhecida a autoria desta vista da praça de Juromenha, voltada para o lado do rio Guadiana, que tanto poderia ter saído das mãos habilidosas de Niemeyer (1803), como do marquês de Ternay (1807) ou até de Brandão de Sousa (1817), os três oficiais que aqui efectuaram levantamentos do terreno, tal hipótese não é credível. O mais provável é ter sido esboçada por um dos muitos oficiais estrangeiros que, desde o século XVIII, passaram por Portugal ou que aqui trabalharam.



VISTA DE JUROMENHA

[Vista de Juromenha]

[Escala indeterminada]

[18--]

1 vista : ms., p&b ; 35 x 46 cm

2068-2-18-26 (DIE)



NIEMEYER, Conrado Henrique de, 1761-1806

Planta do terreno e limites da Contenda de Moura : a qual se trata de dividir entre Portugal e Hespanha / sendo empregados neste trabalho o brigadeiro Joze Antonio da Roza, e o tenente coronel C. H. de Niemeyer, por quem foi levantada, e dezenhada em 1803

Escala [ca. 1:45 000], 1 legoa de 20 ao grão do Equador = [12,3 cm]

1803

1 mapa : ms., color. ; 47 x 61 cm

3048-2-21-30 (DSE)

A partir de 1802, Niemeyer, que viera para Portugal em 1778 e que aqui morreria, esteve envolvido, com vários outros engenheiros nacionais e estrangeiros, no levantamento da fronteira do Alentejo, no quadro da Inspeção-Geral das Fronteiras e Costas Marítimas dirigida pelo marquês de Rozière. Pertencia este oficial alemão à 1.ª Divisão do Estado-Maior dessa Inspeção, comandada pelo brigadeiro conde de Chambors, tendo sido por este incumbido do reconhecimento do terreno e praças entre Juromenha e a foz do rio Guadiana. Em 1803 era chamado para o levantamento da Contenda de Moura, em conjunto com dois oficiais espanhóis. Nesta dispendiosa comissão, entretanto suspensa, concluiu em dois meses mais trabalho que os oficiais espanhóis haviam feito num ano, segundo ele próprio afirmava. Pelo lado do país vizinho, J. Fuentes e J. Prieto levantaram também um outro mapa da mesma área (1805).

Em notas marginais, dá-se conta, por um lado, do interesse da Contenda de Moura - "boleta para montados de porcos, e pastos para toda a qualidade de gados..." - e, por outro, dos seus limites e da posição dos marcos. O ano mencionado para o acordo entre Portugal e Espanha (1642, em vez de 1542) é certamente um lapso.

III

Lisboa e o Tejo
numa
Cartografia Renovada

37

Esta é a famosa carta de Fava, que foi levantada, numa escala dupla, entre 1806 e 1808, sendo este engenheiro coadjuvado pelos oficiais nela referidos. Atendendo à marca de água do papel, trata-se de cópia posterior a 1827, feita no Arquivo Militar, provavelmente a partir da versão reduzida na Casa do Risco das Obras Públicas em 1826, que seria litografada em 1831 e impressa, a preto e branco, nesta escala.

Segundo A. Vieira da Silva (1950), uma cópia da planta original, na escala de 1:2500, que existia na antiga Direcção de Obras Públicas, em Lisboa, desapareceu em 1919 no incêndio que devorou a ala oriental da Praça do Comércio. Desta carta, o que existe são sobretudo cópias reduzidas, dado que na escala original apenas se conhecem hoje alguns poucos fragmentos.

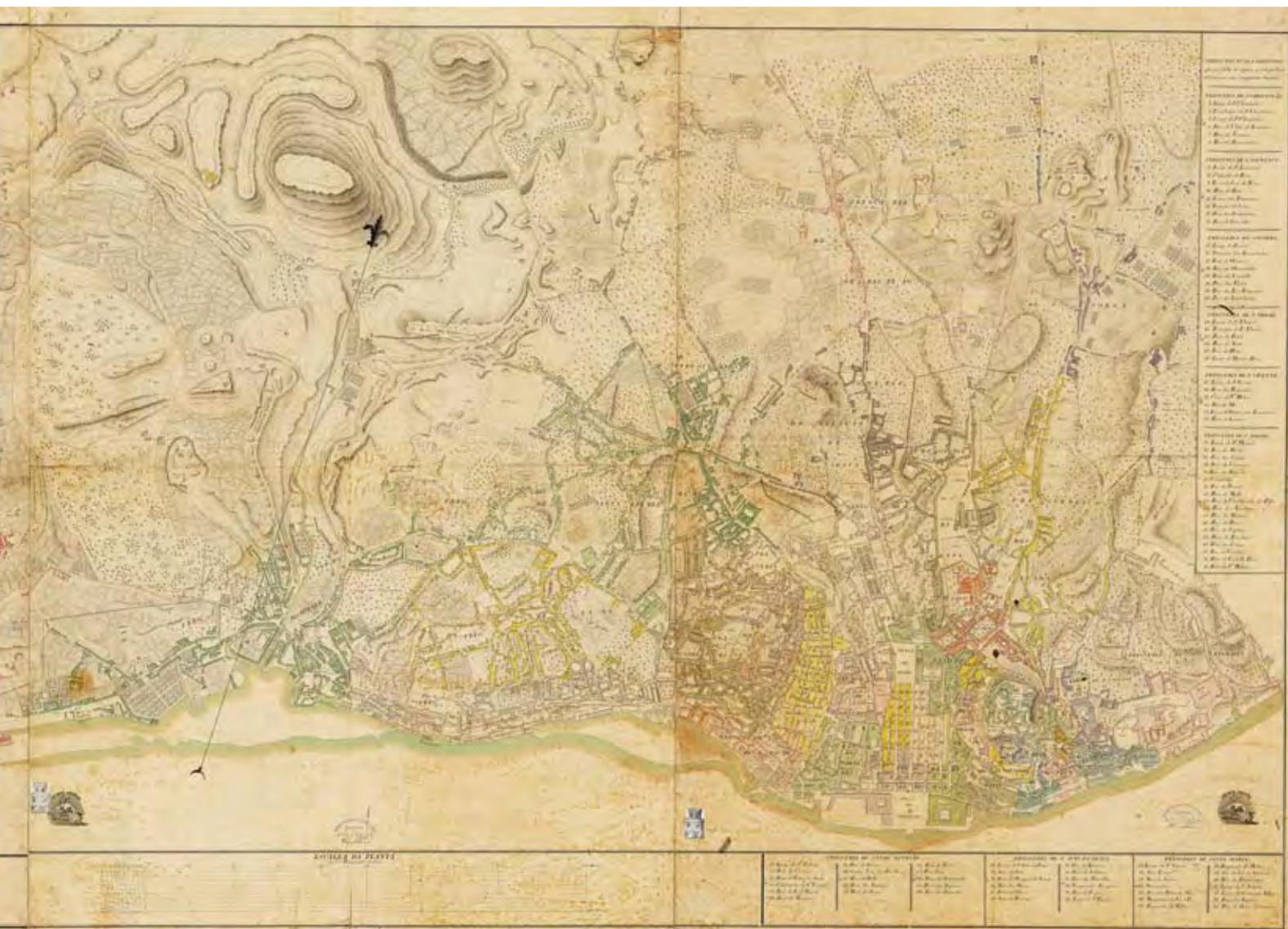
FAVA, Duarte José, 1772-1826

Carta topografica da cidade de Lisboa, e bairro de Belem, até á bateria do Bom Successo / levantada [no ano de 1807 debaixo da direcção do capitão engenheiro Duarte José Fava] pellos officiaes do Real Corpo de Engenheiros Luiz Antonio de Mello, capitão, e os primeiros tenentes João Pedro Duarte Pereira e João Damasceno da Cunha Pinto ;

copiada no Real Archivo Militar
Escala [ca. 1:5000], 500 braças por palmo
[1827-1831]

1 planta : ms., color. ; 92 x 183 cm
2305-2-16-22 (DIE)





38

Os inovadores trabalhos geodésicos, de que o governo português havia encarregado o astrónomo e matemático Francisco António Ciera em 1790, estenderam-se até 1804, altura em que foram suspensos. O objectivo mais prático deste empreendimento era a elaboração da carta geral do reino, cujos levantamentos topográficos, de grande detalhe, tiveram início na região de Lisboa em 1799 ou 1800, com a participação de vários oficiais engenheiros. Destes trabalhos chegaram até nós 17 papéis de prancheta, da área entre Odívelas e Oeiras. Interrompidos estes trabalhos, os mais importantes que foram executados em Portugal neste período, as condições políticas e sociais só permitiriam o seu recomeço em meados da década de 1830, embora ainda com muitas dificuldades.

Esta folha, sem orientação expressa, cobre uma pequena área do litoral entre a Torre de São Julião da Barra e Paço de Arcos.

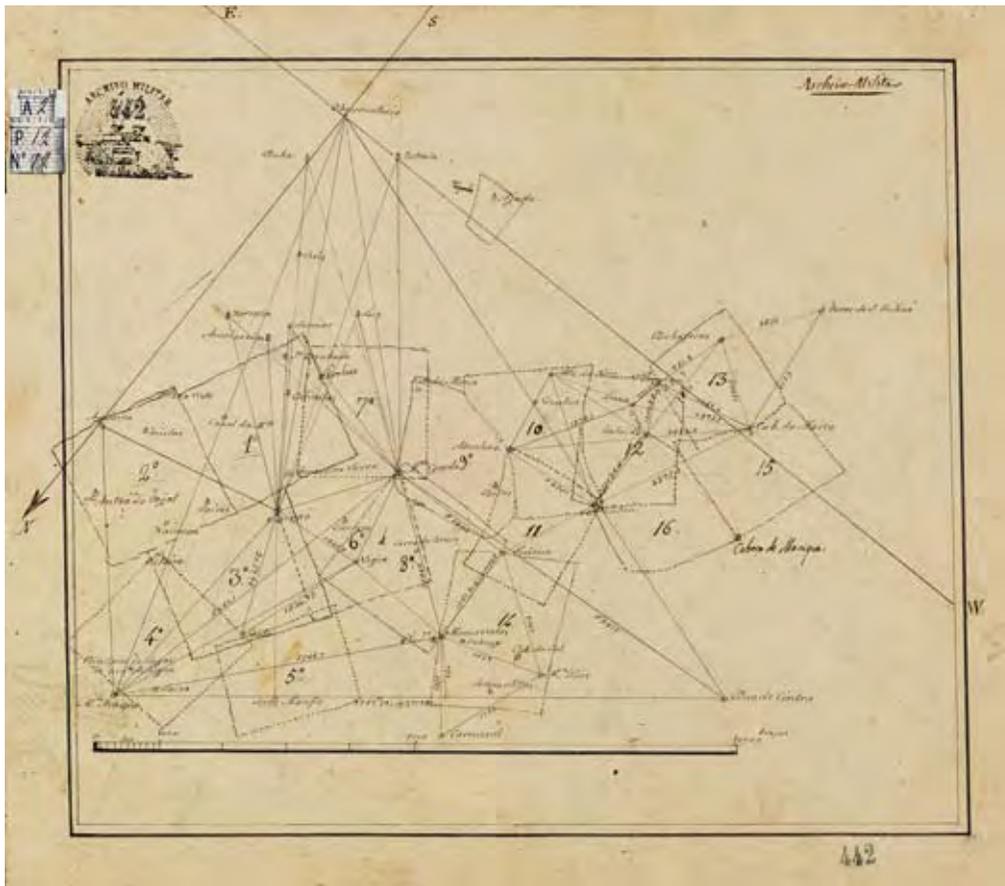


CIERA, Francisco António, 1763-1814

[Oeiras] / levantada pelos officiaes engenheiros o capitão Bernardo Joze Pereira dos Santos Franco, e o 2º ten.te Rodrigo Rebello Palhares [sendo] director, o D.or Francisco Antonio Ciera

Escala [ca. 1:10 000], 500 braças = [11,0 cm]
[1804]

1 mapa : ms., traçados color. ; 45 x 46 cm
([Carta geral do reino ; folha] N[º] 14)
4091/16º-4-49-82 (DIE)



CIERA, Francisco António, 1763-1814

[Carta geral do reino : esquema de triangulação e de montagem dos papéis de prancheta na região de Lisboa / dir. Francisco António Ciera]

Escala [ca. 1:100 000], 10 000 braças = [21,9 cm]

[ca. 1799]

1 mapa : ms., p&b ; 34 x 30 cm

3518/II-1-2-2 (DIE)

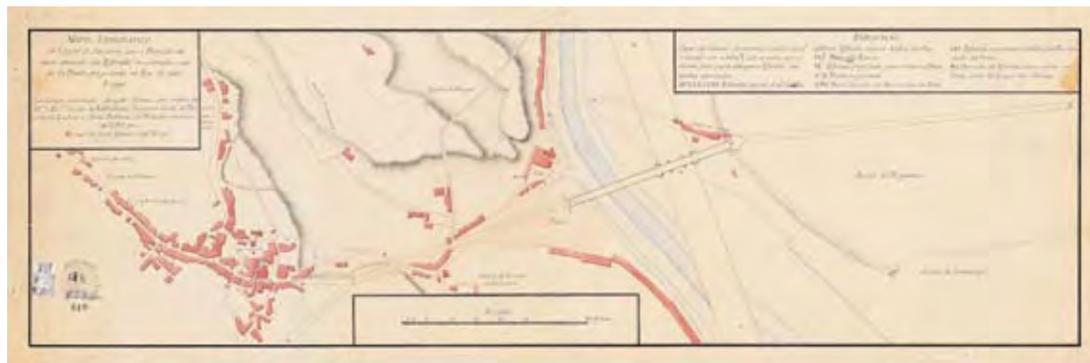
Logo no começo dos trabalhos geodésicos, Ciera definiu (1790-91) uma cadeia de grandes triângulos cobrindo Portugal, com ligação à Galiza. Depois de ter efectuado medições de duas bases e de muitos dos ângulos desses triângulos, dirigiu as triangulações secundárias para o levantamento topográfico da carta geral do reino. Este esboço mostra esses triângulos secundários, com a indicação do comprimento dos seus lados, definidos entre o Observatório do Castelo, em Lisboa, Sintra e Montachique, ao qual se sobrepõe um esquema de montagem dos papéis de prancheta e a respectiva identificação. Falta, no entanto, a folha de Oeiras (que seria também numerada com 14, como a do Sabugo), de todas a que cobre menor área.



40

Ainda no princípio da sua vida profissional, Ramos, que seria mais tarde comandante do Real Corpo de Engenheiros, era encarregado de projectar uma ponte sobre o rio Sacavém, de que resultaram três plantas (sendo esta uma cópia da n.º 2) e uma nota explicativa.

Para permitir uma mais fácil comunicação de Lisboa às “vilas da borda de água”, através da Estrada Real, a ponte ligaria as Casas do Cabral ao Rossio e daqui à rua Direita do lugar de Sacavém. A parte principal da obra consistia em mudar o leito do rio, para a posição EFG marcada na planta a amarelo e onde se encontram assinalados os pilares da ponte, primeiro construindo-se os seus arcos para depois se abrir o novo rio e entulhar o velho. Na época, a passagem era feita por meio de barcas, num local um pouco a montante da ponte projectada. Em 1821-22 seria a vez de Maximiano José da Serra estabelecer o projecto de uma ponte de madeira no mesmo rio, que seria construída nessa altura e queimada dez anos depois.



RAMOS, Manuel de Sousa, 1751?-1832

Mappa topografico do lugar de Sacavem : com o projecto da nova direcção da estrada na entrada e saída da ponte projectada no rio do dito lugar / levantado, desenhado, e dirigido debaixo das ordens do Ill.mo, e Ex.mo conde de Valladares, Inspector Geral do Terreiro de Lisboa, e Obras Publicas de Riba-Tejo no anno de 1792, por Manoel de Souza Ramos, cap.m engr.º

Escala [ca. 1:2000], 150 braças = [16,4 cm]

1792

1 planta : ms., color. ; 32 x 97 cm + nota

3476/I-3-32-44 (DIE)



RAMOS, Manuel de Sousa, 1751?-1832

Villa Franca de Xira / levantada em 1786 por Manoel de Souza Ramos, ajudante engenheiro ; copiada no R.I Arch. Mil.ar por Joze Candido Correa, capp.m ten.te, em Abril de 1826

Escala [ca. 1:2000]

1826

1 planta : ms., color. ; 38 x 84 cm

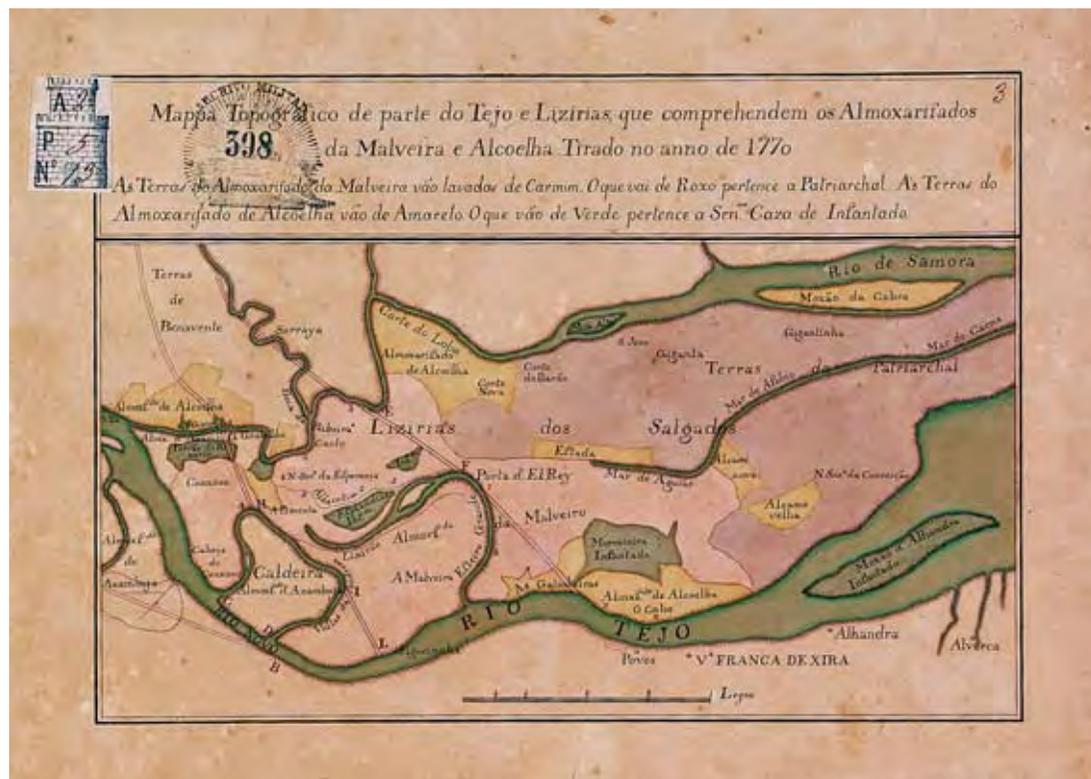
2935-2A-26-37 (DIE)

Depois de ter trabalhado nas obras da abertura da barra de Aveiro com Isidoro Paulo Pereira e às ordens de Guilherme Elsdén, Sousa Ramos esteve ocupado, a partir de 1786, com o levantamento da carta da estrada de Lisboa para Coimbra, quando era ainda ajudante de engenheiro. Levantou então algumas plantas de lugares, entre as quais esta de Vila Franca, de que se mostra aqui uma cópia melhor desenhada do borrão original, a preto e branco. No mesmo ano esboçou ainda a de Alhandra e, a seguir, a de Alcoentre (1787) e a de Rio Maior (1789).



42

Devido aos danos causados pelo Tejo, resultantes das cheias inverniais no seu sector terminal por cujo vale largo e dissimétrico corre este importante rio peninsular, as “Lezírias”, designação habitualmente dada às suas extensas planícies marginais, foram recorrentemente objecto de múltiplas intervenções. Estavam em causa nessas intervenções tanto a fertilidade dos terrenos como as alterações do leito e a navegabilidade do rio. Um desses levantamentos foi dirigido, ca. 1770, pelo engenheiro inglês Guilherme Elsdén, que construiu um mapa de todo o sector jusante do Tejo. Retocados estes levantamentos em 1784, o *Mappa do Tejo desde a villa de Tancos ate a Villa Franca de Xira*, apresentando as alterações decorrentes da própria evolução entretanto ocorrida no leito e nas margens, foi impresso a preto e branco (ca. 1:100 000) e incluído nas *Memorias Economicas* da Academia das Ciências de Lisboa (1790). Àqueles trabalhos de Elsdén pertence a cópia aqui mostrada.



ELSDEN, Guilherme, fl. 1762-1779

Mappa topografico de parte do Tejo e Lizirias, que comprehendem os almozarifados da Malveira e Alcoelha / tirado no anno de 1770 [por Elsdén]

Escala [ca. 1:100 000], 1 legoa [18 ao grau] = [6,5 cm]
[post 1770]

1 mapa : ms., color. ; 21 x 30 cm
3984/IV-2A-28-40 (DIE)



PORTUGAL. Arquivo Militar, 1802-1868

Carta militar de Santarem e dos seus orredores / [copiada no Arquivo Militar]

Escala [ca. 1:14 000], 1000 toezas = [13,6 cm]

1808

1 mapa : ms., color. ; 90 x 83 cm

4694-3-31-43 (DIE)

Para a defesa do país, era fundamental planear a necessidade do atravessamento do rio Tejo, nas suas posições mais fáceis e defendidas. Santarém, pela situação geográfica e pelas características da topografia do terreno, poderia constituir uma alternativa a Abrantes ou a Punhete (actualmente Constança). Os oficiais franceses chegaram mesmo a idealizar, no período das Invasões, o projecto de uma ponte volante em Santarém, largando os barcos durante a noite no rio Zêzere.

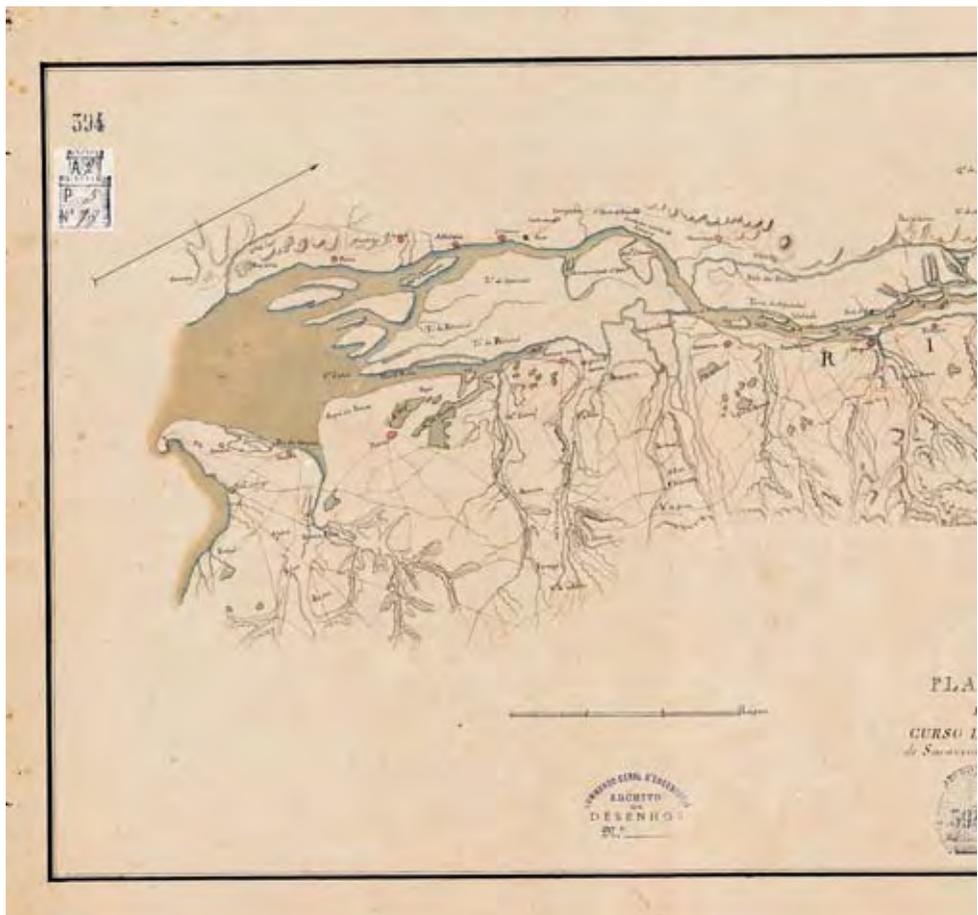
Feita pelos engenheiros franceses em 1801, conhecem-se várias cópias desta carta manuscrita. A aqui apresentada poderá ter sido desenhada no Arquivo Militar quando se tentava recompor a informação necessária, após todo o seu espólio ter sido embarcado para o Brasil em 1807.



44

Esta carta parece ser a junção de duas partes distintas, reduzidas dos originais: a de Sacavém até Tancos resulta possivelmente de uma ou mais rectificações da carta das Lezírias do Tejo que Guilherme Elsdén levantara por volta de 1770, a que se juntou uma outra, de Tancos até Vila Velha de Ródão, efectuada em 1801 por vários oficiais sob a direcção de Luís Cândido Cordeiro Pinheiro Furtado. Daí que numa parte a área representada se estenda sobretudo para a margem direita e na outra para a margem esquerda. Existem vários documentos semelhantes a este, tanto do sector a jusante como a montante, reduzidos ou não, alguns deles contendo a menção de terem sido desenhados em 1801. Neste ano, Furtado havia efectivamente dirigido a construção de um grande mapa, em 3 folhas, de todo o curso do Tejo, desde Cabo da Roca à fronteira.

Reconhecendo os engenheiros portugueses a pouca exactidão da carta do sector a montante, feita muito rapidamente em 1801, seria pedido em 1807 a Manuel de Sousa Ramos que empreendesse outro levantamento dessa área, agora apoiado nas triangulações de Ciera e de forma a poder juntar-se ao que havia sido já feito para a carta geral do reino. Depois de concluída esta diligência, dever-se-ia completar o levantamento topográfico de forma a obter-se uma carta militar de todo o vale do Tejo.





PLANTA DO CURSO DO TEJO, DE SACAVÉM ATÉ VILA VELHA DE RÓDÃO

Planta do curso do Têjo, de Sacavem até Villa Velha [de Ródão]

Escala [ca. 1:200 000], 3 legoas [20 ao grau] = [8,5 cm]

[post 1801]

1 mapa : ms., color. ; 35 x 95 cm

3989/I-2A-28-40 (DIE)



45

Este documento retrata a importante posição militar de Abrantes, junto à margem direita do Tejo. Neste rio surge assinalada a ponte das barcas, que permitia a passagem de uma para a outra margem, e esboça-se ainda um vau a montante.

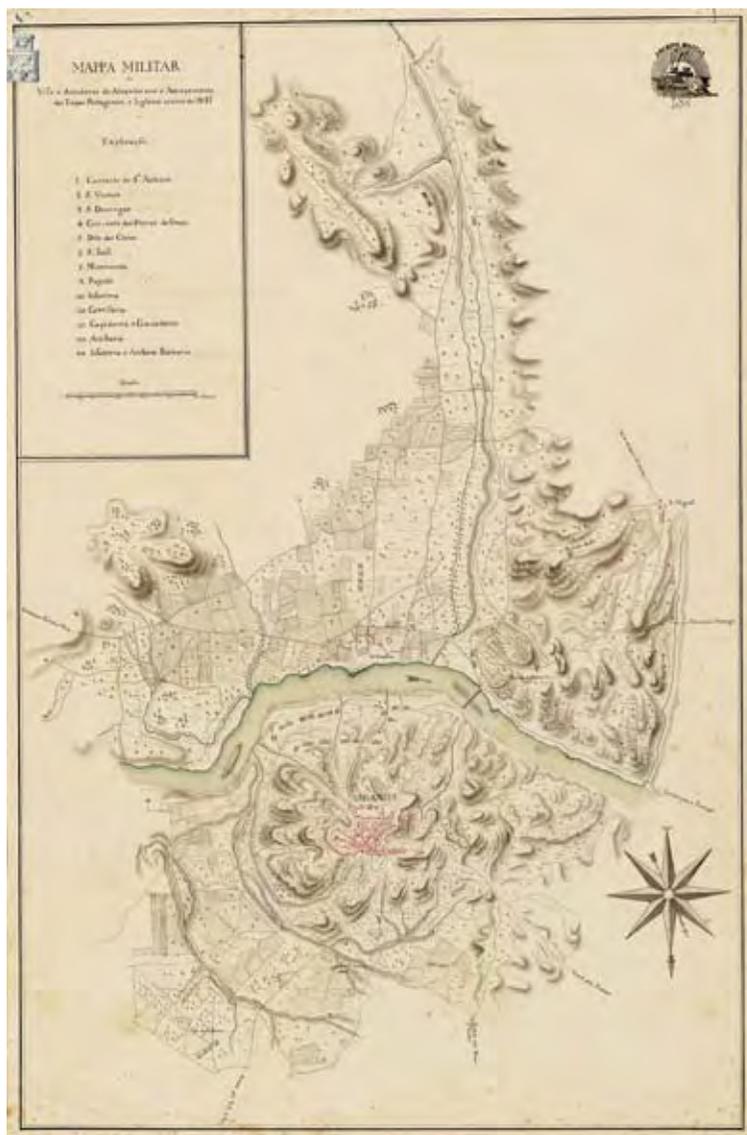
Desta carta militar, construída durante a campanha de 1801, conhecem-se várias versões, tanto em francês como em português. Por vezes, como aqui, nada consta sobre a sua autoria mas, noutras, também se indica “por um oficial do Real Corpo de Engenheiros empregado no serviço de Sua Majestade Britânica” ou ainda “par les Ingénieurs Français au service de S. M. B.”. A escala gráfica tanto surge expressa em toesas como em braças e a orientação da carta difere entre as várias cópias. Só nalgumas é apresentada a disposição das tropas portuguesas e inglesas em 1801, como se verifica nesta, mas todas mostram idêntica informação.

MAPA MILITAR DA VILA E ARREDORES DE ABRANTES

Mappa militar da villa e arredores de Abrantes :
com o acampamento das tropas portuguezas,
e inglezas no anno de 1801

Escala [ca. 1:14 000], 500 braças = [7,9 cm]
[post 1801]

1 mapa : ms., color. ; 69 x 46 cm
428-1-1-1 (DIE)





SERRA, Maximiano José da, 1750?-1834

[Topographia do terreno entre a Moita, Palmella, Setubal e a Serra do Risco / levantada pelo major Serra do C. Eng.os]

Escala [ca. 1:30 000], 3000 braças = [22,0 cm]

[1790]

1 mapa : ms., color. ; 67 x 127 cm

5146-3-36-49 (DIE)

Este manuscrito, cujo título e autoria decorrem no verso da folha, resultaria da comissão para a elaboração da carta da comarca de Setúbal, mandada executar pela Academia das Ciências a J. Pretorius, em que Serra esteve ocupado durante o ano de 1790. Serra não era, no entanto, “filho desta diligência”, nela tendo sido “enxertado” e depois excluído, como o próprio afirmava na altura em carta dirigida a Luís Pinto de Sousa. Mas quando a Academia lançava estes trabalhos para a obtenção de uma carta geral do reino, à semelhança da de Cassini, o governo incumbia Francisco António Ciera de dirigir os trabalhos geodésicos necessários à sua concretização.

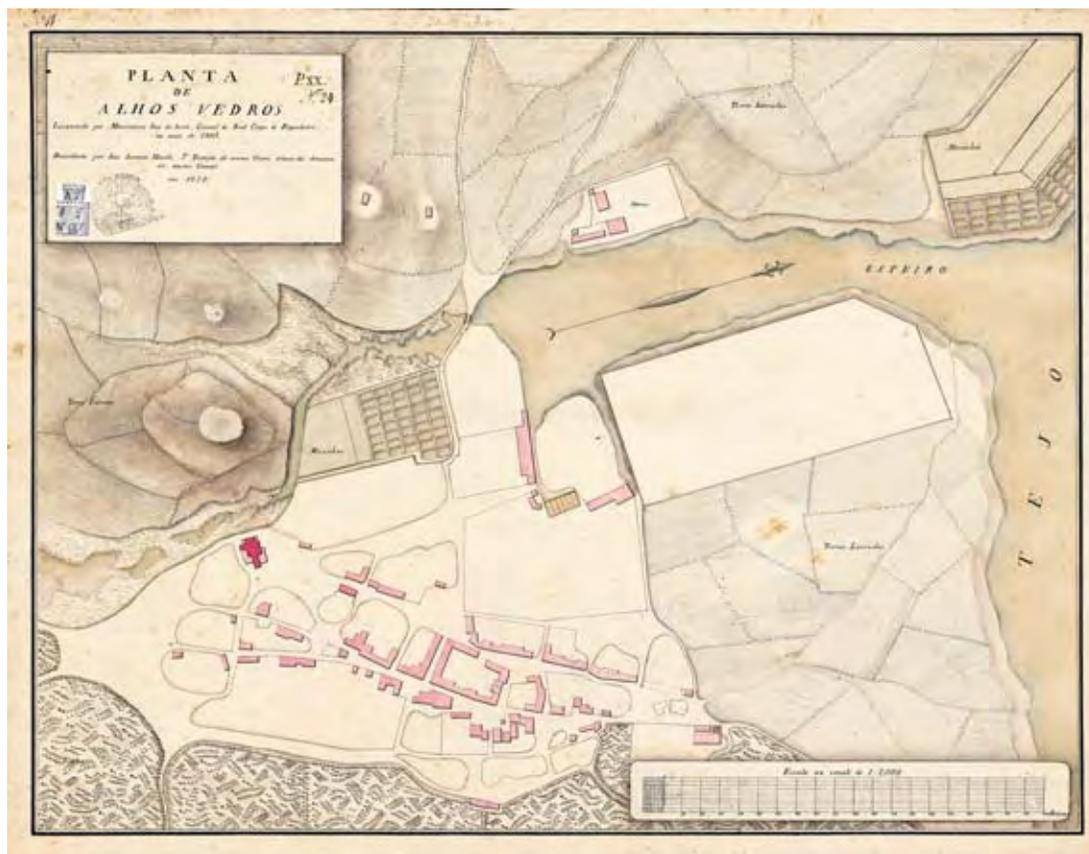
Trabalhando Serra com Henrique Niemeyer, que executou as triangulações, ambos se desentenderiam com Pretorius, o oficial de artilharia alemão responsável pela comissão. A Academia queixava-se então dos demorados trabalhos dos engenheiros, o que levaria Serra a dizer que o seu responsável tirava “a planta das vilas a passos e pelo que lhe representa a vista, como também a maior parte dos seus trabalhos, razão por que mostra muitas plantas com brevidade, as quais não devem servir para uma carta corográfica, e só seriam boas para plantas de campanha, para dar ideia do campo”.



47

Com apenas quatro centenas de habitantes, Alhos Vedros era nesta época um pequeno lugarejo. Em todo o rebordo da Outra Banda, as marinhas dominavam a paisagem por entre terrenos baixos e alagadiços. Para lá do rosário de lugares situados entre Almada e Alcochete, estendiam-se as terras cultivadas e as vinhas e, a seguir, os pinhais que abasteciam Lisboa de lenha, repetidamente consumidos pelos fogos. Depois era o interior desértico, de matos e charnecas, da Península de Setúbal.

Empregado nos aforamentos da Praça de Setúbal (1804-1806) e, logo a seguir, nos levantamentos da carta desta comarca (até 1807), o engenheiro Serra, então com a patente de major, seria auxiliado por Camilo José Gomes Castelão e José Dionísio da Serra. Nesta altura levantaria, entre outras, as plantas de Palmela e de Setúbal, também aqui mostradas.



SERRA, Maximiano José da, 1750?-1834

Planta de Alhos Vedros / levantada por Maximiano Joze da Serra, coronel do Real Corpo de Engenheiros, no anno de 1805 ; dezenhada por Joze Antonio Mourão, 2º tenente do mesmo Corpo, debaixo das direcçoens do mesmo coronel, em 1820

Escala 1:2000

1820

1 planta : ms., color. ; 49 x 64 cm

3105-2A-25-35 (DIE)



SERRA, Maximiano José da, 1750?-1834

Planta da vila de Setuval / levantada por ordem de S. A. R. debaixo da Inspeção da R. Junta dos Tres Estados por Maximiano Joze da Serra, sarg.º mor do Real Corpo de Eng.s, em 1805

Escala [ca. 1:2300], 100 braças [9,6 cm]

1805

1 planta : ms., color. ; 102 x 58 cm

3810-4-56-50 (DSE)

Setúbal teve sempre, ao longo da História, uma enorme importância, tanto no quadro regional como nacional, pelo seu porto e pelo dinamismo das suas actividades. Envolvida por uma cintura incompleta de muralhas, o maior centro urbano da Península de Setúbal pouco ultrapassaria na altura em que esta planta foi levantada os 15 000 habitantes. Nesta Península, os maiores obstáculos naturais eram constituídos pela Serra da Arrábida, por um lado, e pelo pantanoso vale do rio das Enguias, por outro, que de alguma forma marcava o seu limite oriental. Por este vale se tentaria estabelecer, nos princípios de Oitocentos, um canal ligando o Tejo ao Sado, que servisse também de fosso militar, um interessante projecto de engenharia hidráulica que não chegaria a ser concretizado.

Levantada a partir dos finais de 1804 com a colaboração de José Dionísio da Serra, esta planta é uma espécie de cadastro, na qual se distinguem os terrenos que, por serem valiosos, deviam ter novos empraçamentos daqueles que não causavam prejuízo à fazenda pública ou ainda dos que se podiam aforar ou que deviam pagar foros.

49



Esta expressiva cópia colorida da planta original de Palmela, mostra um lugar alcandorado mas desenvolvido fora das muralhas do seu castelo, que dominava a vastidão quase desértica da Península de Setúbal. Com cerca de 3000 habitantes, um pouco menos do que Almada, era o terceiro lugar mais populoso desta Península. No apertado recinto do castelo estavam o Convento e a Igreja dos Freires, da Ordem de Santiago, alguns edifícios militares que serviam de quartéis e armazéns, as cisternas e uma bateria. Poucos edifícios são assinalados no próprio lugar de Palmela mas, pelo seu interesse até militar, registaram-se os moinhos e chafarizes.



SERRA, Maximiano José da, 1750?-1834

Planta da villa de Palmela / levantada por Maximiano Joze da Serra, coronel do Real Corpo de Engenheiros, no anno de 1806 ; deenhada por Joze Antonio Morão, 2º tenente do mesmo Corpo, no anno de 1820, debaixo das direcções do sobredito coronel

Escala 1:2000

1820

1 planta : ms., color. ; 62 x 48 cm

3107-4-47-63 (DIE)



- ALEGRIA, Maria Fernanda; DIAS, Maria Helena – Quatro séculos de imagens do litoral português: a região de Lisboa na Cartografia náutica nacional e estrangeira. *Stvdia*. Lisboa: Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga. ISSN 0870-0028. N.º 56-57 (2000), p. 61-96.
- DIAS, Maria Helena (aut. texto) – *Portugalliae descriptio*: do primeiro mapa conhecido (1561) ao primeiro mapa moderno (1865). Lisboa: Instituto Geográfico do Exército. 2006. 23 p + 8 mapas. ISBN 989-21-0084-0.
- DIAS, Maria Helena – *Brigadeiro José Maria das Neves Costa, 1774-1841*: patrono do Instituto Geográfico do Exército. [Lisboa]: Instituto Geográfico do Exército, 2005. 16 p.
- DIAS, Maria Helena – As explorações geográficas dos finais de Setecentos e a grande aventura da Carta Geral do Reino de Portugal. *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*. Porto: FL.U.P. ISSN 0871-1666. I série, vol. XIX (2003), p. 383-396.
- DIAS, Maria Helena (coord.) – *Contributos para a História da Cartografia militar portuguesa* [CD-ROM]. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos [etc.], 2003. ISBN 972-636-141-9.
- DIAS, Maria Helena; GARCIA, João Carlos; ALMEIDA, André Ferrand de; MOREIRA, Luís (coord.) – *História da Cartografia militar, séculos XVIII-XX*. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2005. 307 p. ISBN 972-588-172-9.
- ESPAÑA. Institut Cartogràfic de Catalunya (org.) - *La cartografia de la Península Ibérica i la seva extensió al continent americà*. Barcelona: I.C.C., 1991. 279 p. (Monografies; 8). ISBN 84-393-1670-4.
- MANSO PORTO, Cármen – *Cartografia histórica portuguesa*: catálogo de manuscritos, siglos XVII-XVIII. Madrid: Real Academia de la Historia, 1999. 166 p. ISBN 84-89512-54-X.
- MENDES, H. Gabriel - O convénio cartográfico luso-brasileiro de 1867: a Cartografia portuguesa ao serviço da comunidade luso-brasileira. *Revista do Instituto Geográfico e Cadastral*. Lisboa: I.G.C. N.º 3 (1983), p. 53-95.
- MENDES, H. Gabriel – *Cartografia e engenharia da barra de Aveiro no último quartel do século XVIII*. Aveiro: [s.n.], 1975. 70 p.
- MENDES, H. Gabriel – *Catálogo de cartas antigas da mapoteca do Instituto Geográfico e Cadastral*. Lisboa: Instituto Geográfico e Cadastral, 1969. 242 p. (Cadernos técnicos e de informação; 22).
- MOREIRA, Luís Miguel - *O Entre Douro e Minho nos finais do século XVIII: Cartografia, Geografia e História das populações*. Guimarães: Instituto das Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2004. 280 p. Tese de Mestrado em História das Populações.
- MOTA, A. Teixeira da – *Acerca da recente devolução a Portugal, pelo Brasil, de manuscritos da Sociedade Real Marítima, Militar e Geográfica: 1798-1807*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1972. 78 p. (Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga: Secção de Lisboa; 74).
- NUNES, Maria de Fátima – *O liberalismo português: ideários e ciências: o universo de Marino Miguel Franzini (1800-1860)*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988. 271 p.
- SEPULVEDA, C. Ayres de Magalhães – *Historia organica e politica do Exercito português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1910-1928. Vol V-XV.
- SILVA, Augusto Vieira da – *Plantas topográficas de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal, 1950. 53 p.
- VICENTE, António Pedro - *O tempo de Napoleão em Portugal: estudos históricos*. 2ª ed. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar, 2000. 473 p. ISBN 972-98222-2-0.
- VICENTE, António Pedro - *Manuscritos do Arquivo Histórico de Vincennes referentes a Portugal*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971-1983. 3 vol.
- VICENTE, António Pedro – Memórias políticas, geográficas e militares de Portugal: 1762-1796. *Boletim do Arquivo Histórico Militar*. Lisboa: A.H.M. N.º 41 (1971), p. 11-298.



ÍNDICE

Introdução	3
Imagens Gerais do Território & Perspectivas Regionais	5
A Costa e a Fronteira: Conhecimento & Defesa	17
Lisboa e o Tejo numa Cartografia Renovada	47
Referências Bibliográficas	63

A decorative flourish consisting of a vertical line with elegant, symmetrical curves at the top and bottom, resembling a stylized 'S' or a calligraphic element, positioned to the right of the page numbers.

CARTA TOPOGRÁFICA

1:25.000

CIDADE DE LISBOÁ,

PAROQUIA DE BEM, ATÉ À
RIVERIA DO BOM SUCESSO

Actualizada pela Direcção do Real Grupo
de Engenharia
de Armas e Mts. (1998/1999)
Emanuel Teixeira
M. do P. do Real Grupo de Engenharia de Armas
e Mts.

Escala de Real António Ribeiro



Instituto Geográfico do Exército
Direcção de Infra-Estruturas do Exército
Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa